O Eremita apresenta

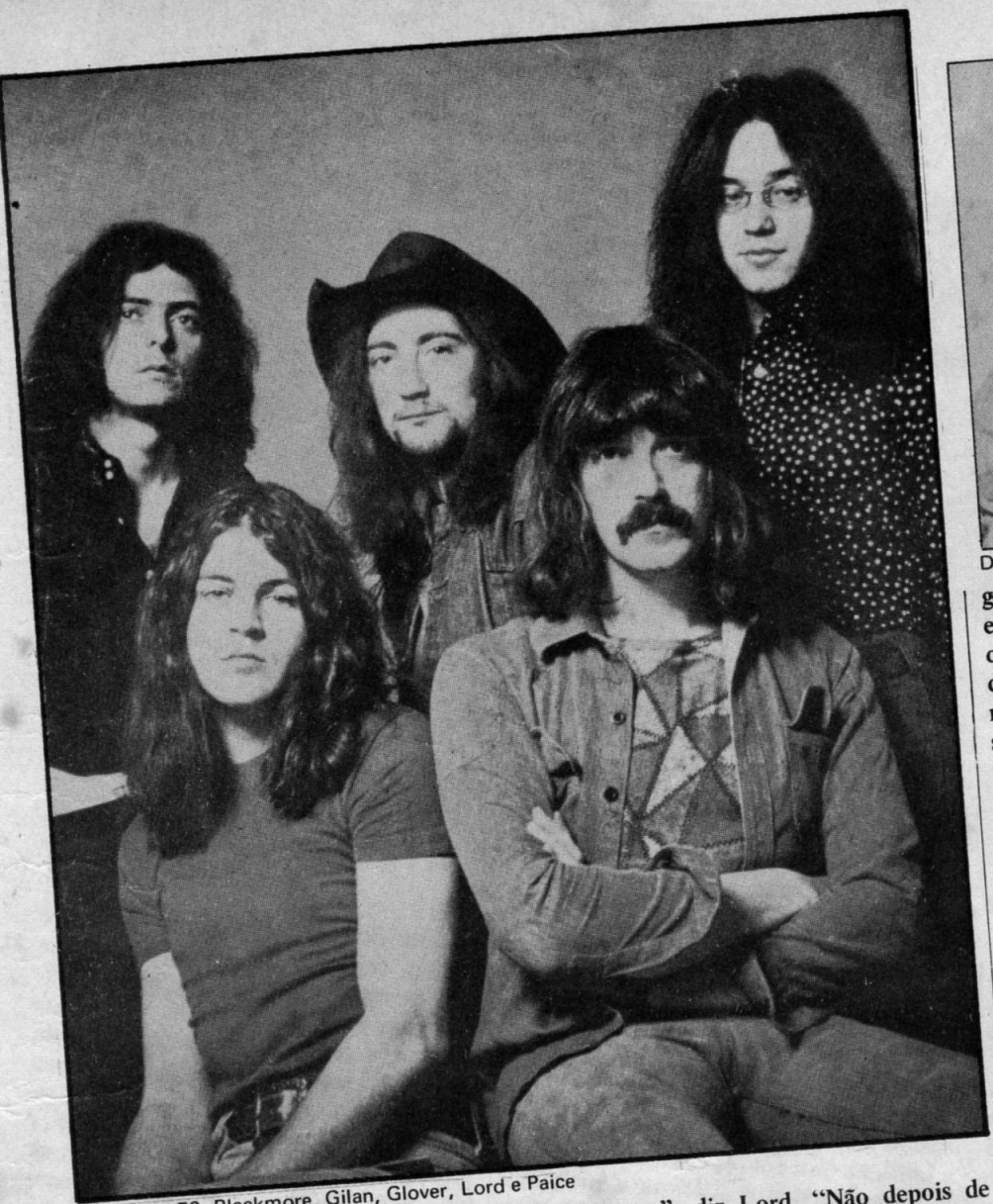
RECORTES
DEEP PURPLE

PARTE 3

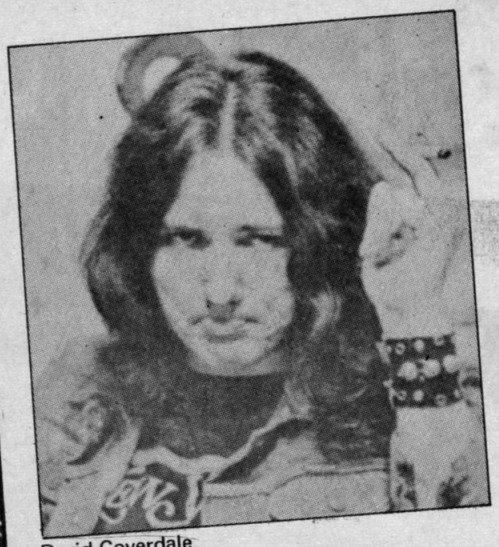
Reprodução de matérias sobre o Deep Purple em revistas nacionais e internacionais

Versão 1 – Julho de 2016

Disponível em www.arquivosdoeremita.com.br



Purple em 70: Blackmore, Gilan, Glover, Lord e Paice



David Coverdale

essa nova geração seria um bocado mais agressiva. Muita gente põe o Purple na mesma categoria do Black Sabbath. Isso faz sentido na medida em que nós temos as mesmas raízes e viemos da mesma época, o fim dos anos 60. Mas creio que o Purple tem mais bom humor e não se deixa aprisionar por rótulos ou truques de imagem, como o Sabbath."

Bem dito. A escalada do Deep Purple em direção ao estrelato, nos três anos seguintes, se deveria, antes de tudo, a esse seu rock pesado, agressivo mas bem humorado, jamais esquecido do poder do swing, do balanço. E sua decadência – ou melhor, a auto-confessa decadência de sua música – a submissão aos clichês do heavy-metal.

A subida foi rápida. "Nós estávamos afiadíssimos, embalados, trabalhávamos em equipe", lembra Blackmore, erguido ao posto de líder com seu temperamento duro, objetivo, agressivo. *In Rock* chega aos primeiros lugares das paradas inglesa e americana e o Purple recebe o 1º disco de ouro. "Eu não chamaria isso de sucesso fulminante", diz Lord. "Não depois de dois anos de trabalho árduo." A crítica inglesa gosta, a americana delira. O mesmo Lester Bangs diz que *In Rock* é "o mais dinâmico e frenético pedaço de rock' que eu já vi, desmentindo quem diz que hard rock é música de bode."

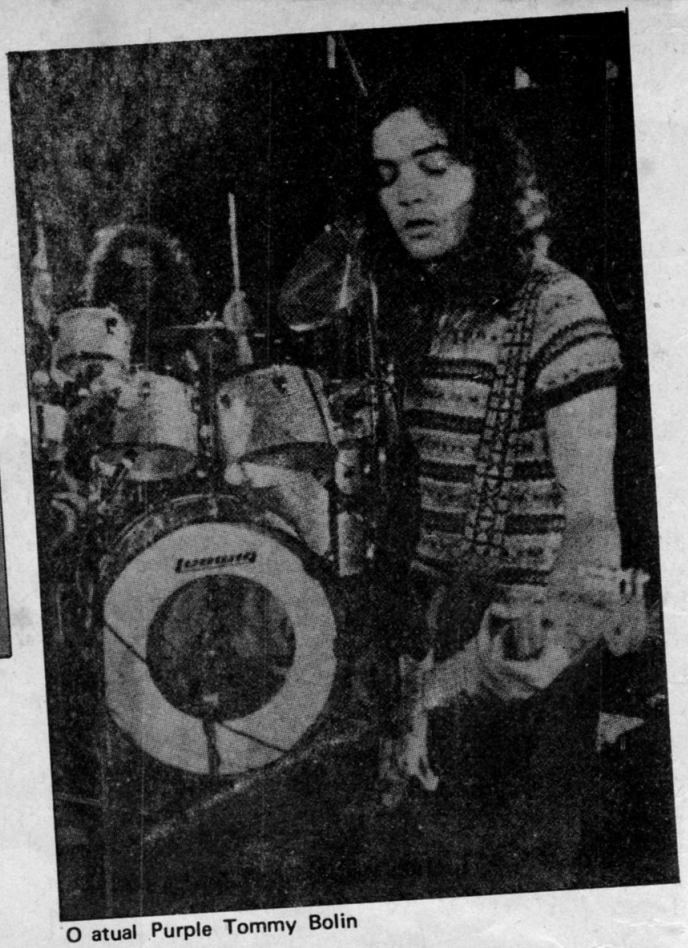
O álbum seguinte, *Fireball*, é menos feliz, e os próprios membros do Purple admitem que estavam "confusos" quanto ao material a ser gravado. O impulsivo Blackmore revela que "na verdade, a gente se odeia e mal se fala quando não está tocando ou gravando." Diz também que o Purple é contra o disco, "invenção da indústria fonográfica para controlar os músicos", e por isso vai gravar seus álbuns seguintes em lugares "diferentes", com a unidade móvel dos Rolling Stones. O primeiro lugar "diferente" escolhido é o Cassino de Montreux, na Suíça. Mas o Cassino pega fogo na véspera do início das gravações, e o Purple é obrigado a improvisar um estúdio num corredor de hotel. "Sabe que foi ótimo? ", confessa Lord. "O clima ficou diferente, relax, sem a ansiedade do estúdio. A gente brincou o tempo todo."

Glen Hughes

É fácil perceber isso no álbum final, *Machine Head*, obra definitiva do Purple, consolidação do estrelato, disco favorito de Lord e até do difícil Blackmore. Mas a partir de *Machine Head* as coisas só andam bem para o Purple no campo profissional – onde são estrelas do primeiro time do novo rock – porque, internamente, a banda sofre uma comoção pior que a de 4 anos atrás. Afinal, há riscos maiores, todos os olhos sobre eles. O conflito está claro no próximo disco de estúdio, ironicamente chamado *Who Do We Think We Are*: música indecisa e horizontal. Blackmore não esconde sua raiva: abandona o palco no meio dos shows, diz publicamente que o disco "é um lixo" e dá a entender que vai embora. Pouco depois, retifica: "Em geral eu fico. Se eu fico, o baterista fica. Se nós ficamos, Jon fica." Adivinhem quem ia sobrar?

"No final, com Roger e Ian, era feito um emprego careta. Era feito bater cartão de ponto, tudo igual. A gente se repetia, sem parar, não havia emoção nem prazer", diz Lord. Em nome do bom humor da banda, Ian Gillan vai embora, Roger Glover o segue pouco depois, para se

O ex-Purple Ritchie Blackmore



O atual Purple Tommy Bolin

dedicar à produção de novos talentos no recém fundado selo Purple Records. A busca recomeça. Muito mais delicada e difícil.

O baixista foi relativamente fácil: Glen Hughes, do grupo Trapeze, já fazia parte das relações de Lord e Blackmore há algum tempo. Não hesitou um segundo sequer ao convite. "O Trapeze não vai a parte alguma, eu sei. E depois, eu sei que estou numa situação esquisita no Purple. O baixista sempre está. Mas é melhor do que não ir a parte alguma." Já o vocalista era um caso mais grave: um vocalista é sempre a alma de um grupo, ainda mais de heavy metal.

"Chegaram toneladas de fitas. A gente começou a ouvir, a maioria com uma mistura de pena e vontade de rir", recorda Jon Lord. "Mas numa delas tinha um cara com uma voz incrível, um timbre de voz diferente, negro, bem aproximado de Paul Rodgers, do Free, a primeira pessoa que a gente tentou. Depois, o cara *improvisava* — coisa que Gillan nunca conseguiu fazer." O cara da voz incrível era Dave Coverdale, músico amador, balconista de uma butique na longínqua cidadezinha de Redcar. "Foi como um conto de fadas. Num dia você está ali na caixa, naquela vida sem perspectivas, morrendo de medo de ter de viver da Previdência Social de novo. No dia seguinte você é o cantor de um dos maiores grupos do mundo. Dá medo. Eu morro de medo até hoje."

Talvez por isso, por essa disparidade tão grande de vivência, expectativa e até idade entre a cúpula do Purple e seus novos membros, a música do grupo custou a se reencontrar. Paice, Blackmore e Lord, na casa dos 30 anos, astros estabelecidos, nutridos a clássicos e rock dos anos 60, uma longínqua raiz blue. Hughes e Coverdale, pouco mais de 20 anos, pouco mais que curtidores, aficionados de soul e de funky jazz. Em *Burn*, primeiro disco da terceira fase, só dá para ouvir a perplexidade. "A gente estava muito apressado em lançar esse disco, queríamos provar que podíamos continuar. Negócios, sabe? ", coloca o sábio Lord. Já em *Stormbringer* há sementes de uma mudança que o crítico da New Musical Express soube isolar: "No todo, é um álbum quase desleixado. Mas em quatro faixas pelo menos há um sopro tão enérgico de música negra que é impossível não ter esperança quanto ao futuro do Deep Purple."

E mudar realmente parece ser a palavra chave para o grupo, agora. Bem um representante de sua geração, isolado, no alto de seu superestrelato, das fontes que podiam reativar sua criação, imprensado pelas solicitações do sucesso, sem quase nenhum desafio a enfrentar, o Purple entra 1975 sofrendo, como quase todo o rock, do agudo e doloroso mal da estagnação. Muito, muito mais que em 1970, é preciso uma cirurgia. Na alma. E dessa vez, impulsivamente, é Ritchie Blackmore o catalizador da explosão. "Estou cheio. Não estamos criando nada. Estou ficando um músico desleixado." Parece um acesso de ódio, mas é mais um gesto de dedicação: Ritchie se oferece ao sacrifício e indica o sangue novo que a banda precisa. Por sua mão, Tommy Bolin, jovem e brilhante guitarrista de jazz rock americano, entra no Purple.

Ritchie, o difícil, vai para a estrada com seu novo grupo, não por acaso chamado Rainbow, um arco iris de sons para quem viveu no púrpura tanto tempo. Bolin assalta o Purple como um furacão. "Ele é maravilhoso, inacreditável", diz Lord. "Parece que estamos começando tudo de novo." Talvez estejam. Menos púrpura também, pode ser. Mais negro, talvez. (*Ana Maria Bahiana*)

ROCK EM LETRAS

Highway Star

Nobody gonna take my car
I'm gonna race it to the ground
Nobody gonna beat my car
It's gonna break the speed of sound
Oooh, it's a killing machine
It's got everything
Like a driving power, big fat tires
and everything

Chorus
I love, and I need it
I bleed it yeah it's a wild hurricane
Allright, hold tight, I'm a highway star

Nobody gonna take my girl
I'm gonna keep her to the end
Nobody gonna have my girl
She stays close on every bend
Oooh, she's a killing machine
She's got everything
Like a moving mouth, body control
and everything

I love her and I need her
I seed her
Yeah, she turns me on
Allright, hold tight, I'm a highway star
Nobody gonna take my head
I got speed inside my brain
Nobody gonna steal my head
Now that I'm on the road again
Oooh, I'm in heaven again I've got
everything
Like a moving ground, throttle control
and everything

I love it and I need it
I seed it eight cylinders all mine
Allright hold tight I'm a highway star

(Repeat first verse and chorus)

Estrela da Estrada (*)

Ninguém vai me tirar meu carro
Vou correr com ele até arrebentar
Ninguém vai vencer meu carro
ele vai romper a barreira do som
Oooh, é uma máquina assassina
ele tem de tudo
Tem motor envenenado, pneus de tala larga
e tudo mais

Refrão
Eu o amo, eu preciso dele
eu sangro com ele, yeah, é um furacão
selvagem
Tá certo, se segurem, eu sou uma
estrela da estrada

Ninguém vai me tomar minha garota
Vou ficar com ela até o fim
Ninguém vai ficar com a minha garota
Ela está perto de mim em qualquer transação
Oooh, ela é uma máquina assassina
Ela tem de tudo
Tem uma boca ágil, controle de corpo
e tudo mais

Eu a amo, eu preciso dela
Eu semeio ela
Yeah, ela me liga
Tá certo, se segurem, eu sou uma
estrela da estrada

Ninguém vai me tirar minha cabeça
Eu tenho pauleira na minha cuca
Ninguém vai roubar minha cabeça
Agora que eu estou na estrada de novo
Oooh, estou no céu de novo, eu
tenho de tudo
Tenho um chão que se mexe, controle de vôo
e tudo mais

Eu a amo, eu preciso dela
Eu a alimento com oito cilindros
que eu tenho
Tá certo, se segurem, eu sou uma
estrela da estrada

(Repetir primeiro verso e refrão)

You Can't Do It Right (With The One You Love)

Have you ever thought of the feeling
I get when I'm alone with you
It's causing me worry and trouble
I'm going round in circles
Don't know what I'm gonna do

You can't do it right
With the one you love
Nothing you can do
Without the one you love

You were always playing my records
When I was after making some love
But I need more than the music
To keep myself together
Although it makes me feel so good

You can't do it right
With the one you love
Nothing you can do
Without the one you love

Sometimes in the morning
I wake up without you
Can't get up, it's getting me down
Tell me what you're trying to do
Later in the evening
You come home feeling low

Continua na pág. 8

DEEP PURPLE

ROCK EM LETRAS

Continuação da pág. 7

If you'd stop your cruisin'
Maybe we could make a show

You can't do it right
With the one you love
Nothing you can do
Without the one you love.

É Difícil Transar Legal (Com a Pessoa que Você Ama) (*)

Você já pensou no que eu sinto
quando estou sozinho com você
Isto está me deixando confuso e preocupado
fazendo minha mente girar
Não sei o que vou fazer

É difícil transar legal
com a pessoa que você ama
Você não consegue fazer nada
sem a pessoa que você ama

Você sempre toca os meus discos
Depois que eu faço amor com você
Mas eu preciso mais que música
Para me por numa boa
Embora isso me deixe tão contente

É difícil transar legal
Com a pessoa que você ama
Você não consegue fazer nada
sem a pessoa que você ama

Tem algumas vezes, de manhã,
que eu acordo sem você
Mas não consigo me levantar, tudo me deprime
Me diga, o que você está tentando fazer?
Mais tarde, de noite,
você volta numa bem ruim
Talvez se você parasse de agitar tanto
nós podíamos ficar juntos e fazer algo sensacional

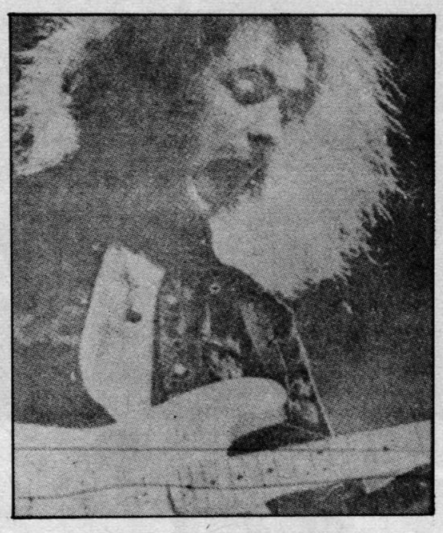
É difícil transar legal
com a pessoa que você ama
Você não consegue fazer nada
sem a pessoa que você ama

Speed King

Good Golly said little Miss Molly when she was rockin'
in the house of blue light
Tutti Frutti was oh so rooty when she was rockin' to the east and west
Lucille was oh so real when she didn't do her daddies will
come on baby drive me crazy do it do it

I'm a speed king you got to hear me sing
I'm a speed king see me fly

Saturday night and I just got paid



Gonna foot about ain't gonna save
Some people gonna rock some people gonna roll
Gonna have a party to save my soul
Hard headed woman and soft hearted man
They been causing trouble since it all began
Take a little rice take a little beans
Gonna rock and roll down to New Orleans

I'm a speed king you got to hear me sing
I'm a speed king see me fly

Good Golly said little Miss Molly when she was rockin'
in the house of blues light
Tutti Frutti was oh so rooty when she was rockin' to the east and west
Some people gonna rock some people gonna roll
Gonna have a party to save my soul
Come on baby drive me crazy do it do it

Rei da Velocidade (*)

Good Golly, disse a pequena Miss Molly enquanto dançava
naquela casa barra pesada
Tutti Frutti era um barato quando ela dançava
em todos os lugares, de leste a oeste
Lucille era incrível quando desobedeciaus seus papais
vem, baby, me deixa doido, vem, vem, vem

Eu sou o rei da velocidade, você tem de me ouvir cantar
Eu sou o rei da velocidade, veja só como eu voo

É sábado a noite, acabei de receber
Vou curti por aí, não vou guardar nem um tostão

Tem gente que vai dançar, tem gente que vai rolar
Vou dar uma festa pra lavar minha alma
Um mulher cabeçuda e um homem afetuoso
estão tendo problemas desde que o mundo é mundo
Com um pouco de arroz e um pouco de feijão
vamos dançar rock and roll até em New Orleans

Eu sou o rei da velocidade, você tem de me ouvir cantar
Eu sou o rei da velocidade, veja só como eu vôo

Good Golly, disse a pequena Miss Molly enquanto dançava
naquela casa barra pesada
Tutti Frutti era um barato quando ela dançava
em todos os lugares, de leste a oeste
Tem gente que vai dançar, tem gente que vai rolar
Vou dar uma festa pra lavar minha alma
Vem, baby, me deixa doido, vem, vem, vem

Living Wreck

You came along for a weekend
But you only stayed for one night
You pulled off your hair
You took out your teeth
Oh I almost died of fright
You'd better do something for you own sake
Yoes it's a shame
Ah you know you're a living wreck

You said you were a virgin
Full of promise and mystery
But I know that you
Would bring me down
Cos everyone calls you big G
You'd better do something for you own sake
Yes it's a shame
Ah you know you're a living wreck

Farrapo Humano (*)

Você veio para passar o fim de semana
Mas só ficou uma noite
Você tirou seu cabelo
Tirou sua dentadura
Oh, eu quase morri de susto
Acho bom você fazer algo por você mesma
É uma pena, sabe,
você é um farrapo humano

Você disse que era virgem
Cheia de promessas e mistérios
Mas eu sei que você
vai me por numa fria
Porque todo mundo diz que você é exatamente o contrário
Acho bom você fazer algo por você mesma
É uma pena, sabe,
você é um farrapo humano

(*) Tradução livre de Ana Maria Bahiana)

DIRETO DE LONDRES

DEEP PURPLE AO VIVO: UMA CATÁSTROFE

CAIO NEHRING

O último memorando do Purple parece ser: Toque rápido e muito alto e você conquistará o universo. No dice, pessoal. O que você pode ver nesses dias difíceis é um bando de imbecis fazendo coisas imbecis no palco.

Felizmente as cortinas da Coxia não são transparentes. O maior sonho de David Coverdale: apertar um botão vermelho e virar Robert Plant. Nada de novo sob as luzes do palco: Coverdale gritando histericamente, pavoneando-se e dando murros no ar. Roberto Carlos já fez melhor. The Purple is really dead? Viva o Rock? Única novidade durante o minúsculo tour do Purple pela Inglaterra: Tommy Bolin, ex-supporting de Billy Cobham Jan Hammer e substituto de Joe Walsh, via James Gang.

Um Sweet-faced à moda do Elvis. Atualmente, o único músico de calibre. Lábios doces, brincos, dente quebrado na frente, sorriso malicioso: sempre alerta e devidamente carregado, para segurar qualquer coisa que o Purple cometa. Felizmente, Coverdale (ao que parece, contratado, no desespero, pelo telefone) gastou mais tempo tomando cerveja fora do palco, fazendo sala para Glen Hughes, imitando Pilatos, mesmo com o baixo nas mãos: Hard Work! Na platéia, dezessete mil moleques, bêbados e barulhentos. Latas de cerveja voando pelo estádio.

Bolin não teve muita sorte: esse tour é qualquer coisa parecida com um teste de vôo. E assim, despercebido, passou a maior parte do show enfeitando a fria música do Purple. Esquecido, na meia luz, única saída: Botar feeling no cronômetro. Também Bolin (junto com Lord e Ian Pace) submeteu-se ao doloroso e inevitável ritual: o solo. À parte os solos de Bolin: suas frases são ricas em balanço, afiadíssimas e donas de uma fabulosa precisão. Impossível confundi-lo com o resto, mas isso não foi suficientemente frenético para a costumeira garotada que lota os shows do Purple: um ou dez tiveram a audácia de gritar "come back Blackmore!".

O "solo" de Lord concentrou-se numa demorada introdução para **Lasy**, a mais demorada e a mais ridícula desde **Made in Japan**. Teve de tudo: todas as trombetas do Eden, um pouco de música ambiente, pequenas alusões à Bach, à música irlandesa, a bit of greensleeves e uma dose de Jimmy Smith. Tudo tão de esmurrar; gemeram o show inteiro) grotescamente empacotado. A multidão adorou isso.

A execução de **Lasy**, propriamente, não durou mais de dois minutos e contou apenas com três músicos no palco: bateria, baixo e a guitarra de Bolin. Coverdale gaguejou alguma coisa e se retirou do palco, levando Lord consigo, para dar uma chance à bateria de Ian Pace. Um ato de misericórdia, considerando a falta de brilho e o solo totalmente mecânico que ele executou.

Os aplausos que recebeu, incertos. Mais um reconhecimento da proeza atlética em surrar a bateria durante um longo tempo do que por uma satisfação causada por uma performance criativa.

Talvez o único momento agradável do show tenha sido a execução de **Georgia on my mind** (R. Charles) cantada por Glen Hughes, com Lord deixando de lado toda a estapafúrdia sinfônica, e dispondo assim de um pouco de feeling. No canto do palco, Bolin descolando lindos e suaves acordes, criando uma genuína blues-atmosfera.

Hughes conduziu-se também admiravelmente em **This time Around**, uma melosa balada soul (para Stevie Wonder) que permitiu-lhe dar uma clara impressão à la Shirley Bassey. Impressão, digamos de passagem, muito mais simpática que o órgão de Lord.

O de praxe, durante a execução de **Get downbaby's**; gelo seco, escorrendo fartamente pelo palco, até o momento em que apenas se via uma massa branca gritando histericamente "Getdownbaby's".

Tudo na verdade, um pouco estúpido e ensurdecedor. Em conjunto, uma catástrofe. Todo o material antigo desperdiçado, retalhado e feito nas coxas: **Speed King, Black Night** e algumas peças horríveis do **Burn**.

O maior problema é que parece que o Purple tem medo de se propor a novos riscos: parecem um bando de músicos inteligentes (?), fazendo as coisas por fazer. Tentando cair fora, segurando o velho rótulo Deep Purple. Eles esperam, calmamente que a sua audiência vá corresponder apenas com o maior denominador comum: velhos e desgastados clichês. Ainda quando isso é baixo e mal feito, quase sujo, como foi nesse último sábado. Ou seja: sem o chão debaixo dos pés.

Os boatos pintavam há meses, e eram sempre desmentidos. Mas agora, já é certo: o Deep Purple acabou mesmo.

DEEP PURPLE ACABA COM MUITAS BRIGAS

Vai levar algum tempo, até que o mundo do rock se recupere inteiramente desse choque. Muita gente, aliás, ainda se recusa a acreditar. Mas não tem mais jeito. É a pura verdade: o Deep Purple acabou. Depois de meses de intensos boatos e especulações, o empresário do grupo, Rob Cooksey, anunciou que os músicos do Purple decidiram acabar com o grupo, pois a situação entre eles estava "insustentável". A decisão final foi tomada depois que o atual vocalista do conjunto, David Coverdale, resolveu abandonar os companheiros, para tentar a carreira solo. Além de Coverdale, a última formação do Deep Purple incluía o tecladista Jon Lord, o baterista Ian Paice, o baixista Glenn Hughes e o guitarrista Tommy Bolin.

Na última tournée do grupo pelos Estados Unidos, no início do ano, já se podia notar que as bases do Deep Purple estavam bastante fracas. A crítica americana simplesmente não entendia como um super-grupo do nível do Purple podia fazer apresentações tão fracas, e quem acabava roubando o show era a atração secundária, a excelente banda Nazareth.

Em oito anos e meio de estrada, a história do Deep Purple sempre foi muito conturbada, com vários músicos saindo e sendo substituídos. Quando o grupo foi formado, em fevereiro de 1968, os músicos eram: Lord, Paice, o guitarrista Richie Blackmore, o baixista Nick Simper e o vocalista Rod Evans. Os dois últimos saíram do grupo naquele mesmo ano, sendo substituídos por Roger Glover e Ian Gillan. Os dois ficaram no grupo por quatro anos, e depois foram embora. Na época, Gillan justificou sua saída dizendo que o grupo "não estava progredindo musicalmente". Glover e Gillan foram substituídos por Hughes, então baixista do Trapeze e Coverdale, cantor razoavelmente desconhecido. Mas as coisas começaram a ficar pretas mesmo durante o ano passado, quando o guitarrista Richie Blackmore resolveu deixar o Purple para formar o seu próprio grupo, o Rainbow. Blackmore foi logo substituído pelo excelente Tommy Bolin, mas os sintomas de desagregação do Deep Purple já eram mais do que evidentes.

A formação do Deep Purple já havia sofrido várias mudanças, mas nenhuma tão séria quanto a saída do guitarrista Richie Blackmore, no ano passado. E agora, o inevitável aconteceu: o Deep Purple já era.

Apesar de todas essas confusões, com músicos entrando e saindo do grupo, o Deep Purple sempre foi um dos maiores nomes do rock pesado, um dos mais criativos símbolos vivos do rock de nosso tempo. Todos os seus onze LPs receberam o disco de ouro da Associação das Gravadoras Americanas, o que significa um milhão de dólares em vendas, para cada LP! Dois deles - *Made In Japan* e *Machine Head* (ambos lançados no Brasil) - receberam o disco de platina, o que significa um milhão de cópias vendidas. Eles foram também considerados "a banda mais barulhenta do mundo", pelo livro Guiness de recordes. Mas, acima de todos os prêmios e recordes conquistados, o Deep Purple era um dos grupos mais queridos em todo o mundo, e sua desaparição, certamente, deixa um lugar tristemente vazio no mundo do rock.

Zum ersten Mal seit ihrem Gitarristen-Wechsel gingen Deep Purple wieder auf Tournee. Quer durch Südostasien: Hawaii, Australien, Neuseeland, Indonesien, Japan. Für Purple war es die Tour der Entscheidung. Denn in diesem Teil der Welt sahen ihre Fans sie zuletzt mit Blackmore, Gillan und Glover. Würden sie die fast total umbesetzte Band trotzdem akzeptieren? Und hat Tommy Bolin auf der Bühne gegen Vorgänger Blackmore eine Chance? Zwei Mitarbeiter des POP-Amerikabüros gingen mit auf den Trip. Sie erlebten die wildeste Tournee ihres Lebens.

Nackter Terror bei Deep Purple

Es war ein Dienstag, als Deep Purple in Djakarta eintrafen. Sie kamen aus Australien. Die ersten Shows ihrer Fernost-Tournee hatten geklappt, die Band fühlte sich gut. Zwei Tage lang sollten sie jetzt in der indonesischen Hauptstadt spielen, zwei Konzerte waren angesetzt. Doch schon bald wich ihr Lächeln einer Gänsehaut. Denn Djakarta war die Hölle: 48 Stunden lang erlebten Deep Purple den nackten Terror.

Es begann beim ersten Auftritt. Aufgepeitscht durch den Purple-Rock flippten 20000 Fans plötzlich vollkommen aus und liefen Amok. 10 Minuten später war das Stadion ein Trümmerhaufen. Hals über Kopf flohen Purple von der Bühne und entkamen knapp dem rasenden Mob.

Ein Leibwächter stirbt. Mord?

Im Hotel gab es kurz darauf Streit zwischen zwei Roadies und dem Leibwächter Patsy Collins, den Purple bei der Londoner Agentur «Artist Service» für die Tour gemietet hatten. Nach Handgreiflichkeiten sperrten die Roadies Patsy in einem Treppenhaus des Hotels ein. Patsy wollte sich befreien, fand schliesslich eine offene Tür – und stürzte sechs Stockwerke tief in einen Liftschacht. Sein Fall war so wuchtig, dass er unterwegs mehrere Wasserrohre durchschlug. Patsy war auf der Stelle tot.

Am gleichen Abend noch verhaftete die indonesische Polizei die beiden Roadies und Purple-Manager Rob Cooksey wegen Mordverdacht. Sie wurden unverzüglich hinter Gitter gesetzt.

Zur nächsten Show tags darauf marschierte eine Polizeiarmee auf, um Ausschreitungen wie am Vortag zu verhindern. Und das mit allen Mitteln: Die Uniformierten gingen mit Maschinengewehren, Flammenwerfern, Gasgranatwerfern und einem Rudel mannscharfer Dobermann-Hunde in Stellung. Vor dem Eingang standen gepanzerte Wagen.

Die Blutnacht von Djakarta

Kaum hatten Purple dann mit «Burn» ihr Konzert eröffnet, begann ein Blutbad. Ohne Vorwarnung feuerten die Polizisten plötzlich Hartgummikugeln aus Spezialgewehren ins Publikum. Sie stürmten in die Menge und prügelten mit schweren Knüppeln wahllos auf die Köpfe der Fans. Wer zu Boden ging, wurde nahezu totgetrampelt. Dazwischen wüteten die Hunde im Blutrausch.

Jon Lord: «Ich sah einen Dobermann, der einem vielleicht 15jährigen Jungen den Arm zerfleischte. Nichts konnte das Tier stoppen. Das Blut des Jungen floss wie Wasser.»

Mehr als 250 Purple-Fans wurden an diesem Abend von der Polizei zum Teil schwer verletzt. Indonesiens erstes grosses Rockkonzert endete in alptraumhaftem Wahnsinn.

Nur weg von hier – das war der einzige Gedanke der Band. Am nächsten Morgen tauchten dann Rob Cocksey und die beiden verhafteten Roadies unerwartet wieder auf. Weil keine unmittelbaren Verdachtsgründe mehr bestanden, hatten sie die Polizei gegen eine «Bearbeitungsgebühr» von 500 Dollar pro Person wieder freigelassen. Doch so schnell kamen Deep Purple noch nicht aus Indonesien heraus. Aus unerklärlichen Gründen war ein Reifen ihres Charterflugzeuges über Nacht platt geworden. Es kostete die Band 5000 $, bis das Rad gewechselt und sie endlich in der Luft waren.

Tommy Bolin gelähmt!

Glücklich in Japan angekommen, gab es gleich den nächsten Schock. Tommy Bolin konnte auf einmal seine linke Hand nicht mehr bewegen – sie war gelähmt. Ein Nerv hatte sich verklemmt, wie und warum, wusste niemand. Ein herbeigerufener Arzt liess das schlimmste befürchten: So kann Tommy nicht spielen. Es dauert Tage, bis die Hand wieder zu gebrauchen ist!

Bis zum ersten Konzert waren nur zwei Tage Zeit. Fieberhaft versuchte der Arzt, die Hand wieder zu beleben. Er hatte Glück: Langsam bekam Tommy wieder Gefühl in den Fingern. Doch für ein Konzert reichte es noch längst nicht.

Grosser Bahnhof für Deep Purple in Japan

Gleich beginnt das Tokio-Konzert. Macht Tommys Hand mit?

Ian Paice in Landeskluft

Die neuen Purple live

Das Orakel der Wahrsagerin

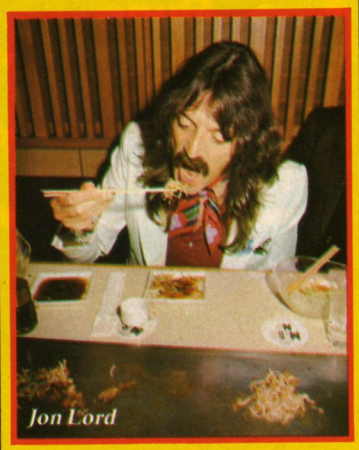
Abends ging Tommy mit ein paar japanischen Freunden durch Nagoya, wo 24 Stunden später das erste Purple-Konzert auf japanischem Boden stattfinden sollte. An einer Strassenecke entdeckte er eine Wahrsagerin. Mehr aus Spass ging er zu ihr und zeigte seine Hand: «Wird sie heilen?»

«Ja», sagte die Frau, «aber nicht schnell.»

Die Frau starrte weiter auf seine Hand. «Du bist ein Künstler. Du hast vor kurzem eine grosse Verantwortung übernommen.» Tommy war verwirrt – die Frau kannte ihn mit Sicherheit nicht. Trotzdem wusste sie um seine Situation als Blackmore-Nachfolger. Er sagte ihr, dass er in einer Band Gitarre spiele.

«Du wirst mit der Band ein Star sein», antwortete die Frau und befühlte die Linien seiner Hand. «Aber allein wirst du noch grösseren Erfolg haben als mit der Band.»

Tommy schluckte. Unmittelbar nach der Purple-Tournee will er in Amerika auf Solo-Tour gehen. Sein «Teaser»-Album läuft schon heute bestens. Tommy: «Ich glaubte der Wahrsagerin jedes Wort.»



Jon Lord

Japanische Küche ist etwas Feines, das Essen allerdings bereitet Probleme

Wird die Hand durchhalten?

Am nächsten Tag fühlte sich seine Hand wieder besser an. Tommy wollte das erste Japan-Konzert von Purple nicht platzen lassen und ging auf die Bühne. 20 Minuten lang ging es gut, dann, bei seinem Solo in «Ode To G.», versagte die Hand. Tommy musste passen.

Das zweite Konzert fand in Osaka statt. Den ganzen Tag lief Tommy mit einer Heizdecke um den linken Arm herum, um ihn warm zu halten. Diesmal klappte es: Tommy hielt, wenn auch mit Mühe, die ganze Show durch. Und beim nächsten Gig in Fukuoka klappte es noch besser.

Dann kam die grosse Nacht von Tokio. Zwei Filmteams waren angereist, um den Auftritt mitzudrehen. Hinter der Bühne stand ein mobiles Studio für eine eventuelle Live-LP. 12000 Fans füllten die Budokan-Halle bis auf den letzten Platz.

Und Tommy spielte wie ein junger Gott. Stundenlang hatte der Arzt zuvor seine Hand massiert. Man sah ihm nicht an, dass ihm mancher Griff noch immer Schmerzen verursachte. In dieser Stunde galt für ihn nur die harte Regel des Showbusiness: Du musst spielen, egal was dir geschehen ist. 12000 Japaner tobten und brüllten und klatschten, sie merkten nichts von den Problemen der letzten Tage. Sie waren hellauf begeistert, und Deep Purple auch: Ihr Test mit dem Neuen hatte hingehauen.

Fotos: Fin Costello/Stern

NAZARETH EXPLODE NOS EUA E ACABA COM DEEP PURPLE

Nenhum elogio, nenhuma paparicação. Só vaias e críticas foi o que recebeu o Deep Purple em sua recente excursão pelos EUA. Nesse giro, o sucesso ficou mesmo para o grupo Nazareth, convidado especialmente pra abrir os espetáculos.

Um humilhante fracasso. Taí a melhor definição para o recente giro que o Deep Purple realizou por cinqüenta cidades norte-americanas, promovendo seu último álbum *Come Taste the Band*. O conjunto inglês montou todo o esquema, é lógico, pra aparecer como a estrela máxima da excursão. O tiro, contudo, saiu pela culatra. E quem acabou roubando toda a cena foi o grupo de rock pesado Nazareth, especialmente convidado pra abrir todos os shows.

Maior barato é que todas as excursões anteriores do Deep Purple, pelos Estados Unidos, sempre foram cercadas de muita expectativa e loucura. Era só a rapaziada chegar pra começarem os escândalos, os tremendos esquemas de segurança e, sobretudo, a louca corrida atrás dos poucos ingressos que sobravam na mão dos cambistas. Não que este ano o mesmo clima não tenha se repetido. Só que durou muito menos tempo. Pois já nos primeiros dias, os músicos do Deep Purple decepcionaram. Só pra sentir a barra, basta dizer que eles compareceram à maioria dos shows totalmente bêbados. E certa vez, inclusive a vocalista chegou a cair no palco, pra lá de bagdá.

O baixo astral do conjunto, aliás, podia ser notado até no hotel onde os rapazes ficaram hospedados. Profundamente irritado, o guitarrista trancou-se em seu quarto, disposto a não atender absolutamente ninguém. A essa altura dos acontecimentos, os responsáveis pela excursão já estavam absolutamente pirados. E com muita razão. A imprensa que normalmente dá a maior cobertura para o Deep raramente pintava no pedaço. Todos — repórteres, fotógrafos, fãs e bicões — andavam à caça dos rapazes do Nazareth, que de uma hora pra outra viraram atração. Daí pro tumulto foi um passo.

Em Nova York, por exemplo, um bando de Hells Angels resolveu "dar um abraço nos carinhas do conjunto". Numa dessas, a barra pesou feio. E só não degenerou de vez por que um empresário, experiente no trato com esse tipo de "fãs", percebendo que a coisa ia engrossar, mandou abrir as portas do teatro e promoveu a maior festa, com champanhe pra todo mundo.

"É o velho ditado — confessava o empresário mais tarde — quando não se pode derrotar o inimigo, o melhor é aliar-se a ele." Com essas e com outras, o negócio é que o Nazareth foi se tornando popular e acabou fazendo a cabeça do público norte-americano. Não foram poucas as pessoas que assistiram somente suas apresentações, abandonando o show antes do final.

E mesmo os mais fiéis súditos do Deep se mostravam profundamente decepcionados, terminando por reconhecer que o conjunto atravessa uma fase muito ruim.

Preferências à parte, tudo isso, na verdade, não deixa de ser uma surpresa. Afinal, entre esses dois grupos ingleses, o Nazareth é o que tem menos tradição e anos de estrada. O que, teoricamente, o coloca num plano inferior ao já consagrado Deep Purple.

O Nazareth foi formado há seis anos, na terra natal de todos os membros do conjunto: a Escócia. Mas eles logo foram para Londres, à procura de um melhor ambiente de trabalho. Seus dois primeiros álbuns, *Nazareth* e *Exercises*, foram um tremendo fracasso. Mas o terceiro, *Razamanaz*, foi uma verdadeira catapulta para o sucesso. Em poucos meses o disco já havia vendido aos quilos, e o Nazareth estava consagrado como um dos melhores grupos de rock pesado, ou *heavy-metal-rock*. Roger Glover, o guitarrista do Deep Purple, deu uma mãozinha aos meninos nesse disco, surgindo daí a amizade que sempre uniu os dois grupos.

Atualmente, o Nazareth é considerado, junto com o Led Zeppelin e o Deep Purple, os reis do rock pesado na Europa. Sua apresentação é qualquer coisa de chapante. Eles não deixam o público nem tomar fôlego, porque a pauleira não pára nunca. Nem que o Deep Purple queira!

purple sounds

March 13th
1976

DEEP PURPLE ARE BACK!

Deep Purple fly home today for their first series of British concerts in two years. They play four major venues from the 11th to the 15th March.

EXCITED!

'We've been a long time gone', said founder-member Ian Paice, 'so naturally we're excited about coming home and seeing all our friends again.'

Purple have played Japan, Australasia, Indonesia and The States on this current tour where, in the traditional Deep Purple way, they've been exciting audiences and critics alike.

They arrive here at the peak of their musical energies to say 'thanks' to their British fans.

...AND HOW

The concerts have been scheduled for Leicester, Wembley (two nights), Glasgow and Liverpool.

It's going to be a sell-out tour, so get in fast to Come Taste the Band.

DEEP PURPLE—live and kicking!

★★★★★★★★

★ Deep Purple at large!
from left to right
★ Ian Paice
★ Tommy Bolin
★ Jon Lord
★ David Coverdale
★ Glenn Hughes

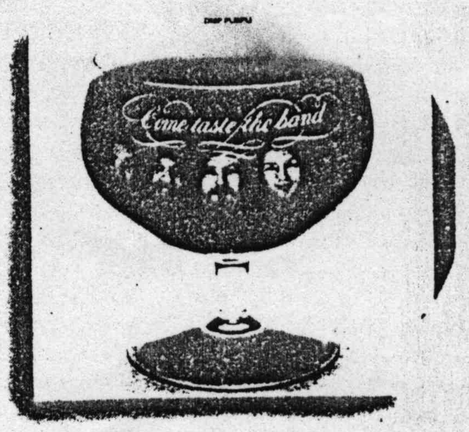
★★★★★★★★

EMI Records Ltd.
HAYES
MIDDLESEX
ENGLAND

Great new DEEP PURPLE SINGLE

A Side "You keep on moving"
B Side Love Child

'You Keep on Moving' (the edited version) taken from Purple's current album 'Come Taste the Band' featuring the legendary Jon Lord and Ian Paice with vocalist David Coverdale, bassist Glenn Hughes and guitarist Tommy Bolin. Available now.



TPSA 7515

RETURN TOUR SENSATION

Tickets for Deep Purple's 'welcome back' tour are disappearing fast.
If you're fixed up, you're laughing.
If not, move fast!

☆ **March 11**
Granby Hall,
Leicester

☆ **March 12 & 13**
Wembley Empire Pool,
London

☆ **March 14**
Apollo Centre,
Glasgow

☆ **March 15**
Empire Theatre,
Liverpool

★★★★★★★★★★★★★★★★

...SOUNDS TERRIFIC

LOOK FOR THE PURPLE LABEL

advert : March 1976 in "Sounds"

Purple: the end

DEEP PURPLE is no more — officially. One of Britain's longest running and most successful heavy rock bands have split up — as predicted exclusively in SOUNDS:

The announcement made this week by Purple's manage Rob Cooksey says that the band 'will not record or perform together as Deep Purple again'.

Purple's singer, Dave Coverdale, in fact resigned from the group after their final concert in Liverpool last March but the news was kept secret until the other members of the band had decided on their future plans. Coverdale spoke this week of the pressures of staying on top in the 'hypocrisy and falseness' of the pop world. "Being on stage was nearly always great," he said. "Purple make terrific music but off-stage I haven't been happy for a long time".

Cooksey said: "We have had three major personnel changes over the years. No other group has had to weather such problems. We did and we survived. Of course there have been some personal conflicts but that's not why we're splitting. The real reason is that their talents have outgrown Purple. Their music has matured from the heavy rock that made them famous."

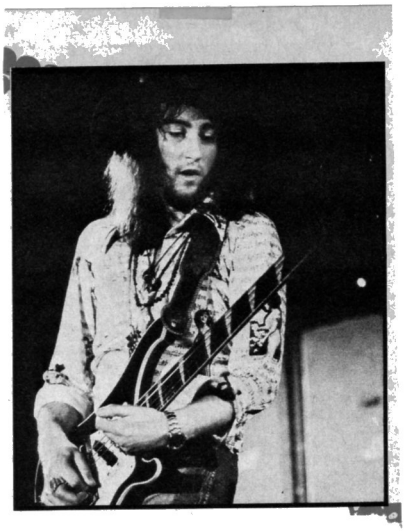
Cooksey was unable to give any immediate details of each member of the band's future plans but he expects to release the information next week. However it is already known that guitarist Tommy Bolin has already assembled his own band and bassist Glenn Hughes has re-joined Trapeze (see *SOUNDS* exclusive interviews in July 3 issue).

Bolin joined the band for their last world tour following the departure of Ritchie Blackmore and appeared on the group's final album, 'Come Taste The Band'. Hughes had joined the band in 1972 to replace Roger Glover.

Deep Purple were formed in 1968 and following their first hit single, 'Hush', soon rose to the top of the heavy metal tree and their worldwide success made them the biggest earning rock band in the world for several years. Every one of their albums has gone gold and 'Made In Japan' and 'Machine Head' achieved platinum status. Their singles, although few and far between, also sold phenomenally well, 'Smoke On The Water' going platinum twice over.

They maintained their popularity despite personnel changes in 1972 (WHEN Ian Gillan and Roger Glover left to be replaced by David Coverdale and Hughes) and last year when Blackmore quit to form Rainbow.

However their last world tour, which began last autumn, produced mixed reactions from critics and their Wembley Empire Pool concerts in April were generally regarded as disastrous.



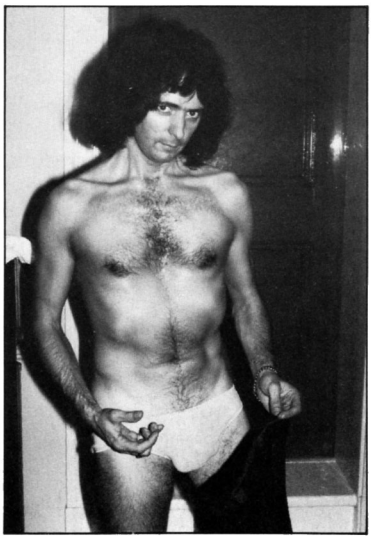
Deep Purple Battle Onstage

After four months absence from the concert halls of Britain, **Deep Purple** returned on the first night of a three-week British tour, complete with new equipment and enough new songs to make a double album.

Revitalized after the incredible amount of strain the band has had to put up with since the beginning of the year, they were eager to get on stage and get on with it, and that's exactly what they did. They stepped up to the proscenium and almost blew the place apart. Besides all the usual standards like "Speed King" and "Strange Kinda Woman," the band incorporated loads of material from their latest album, *Fireball*.

But, at the Royal Albert Hall, later on in their tour, their performance became a cross between an ego trip and a boxing match, as **Ritchie Blackmore** on guitar and **Jon Lord** on organ fought bitterly for solo honours. The thing got so bad that at one point, **Blackmore** left the stage.

"The ultimate weapon."



LETTERS

Write to SOUNDS, Spotlight House, 1 Benwell Road, London, N7 7AX

Purple rage, blue fits, fans see red.

I CAME home from Leicester last night feeling very depressed and disappointed. I had been looking forward to seeing Deep Purple for months, and I went along to the Granby Hall brimming over with excitement. But, alas, the feeling soon left me.

Gillan left the band, that broke my heart. Glover left, I almost cried — and their replacements were good enough to cheer me up again — David Coverdale and Glenn Hughes — "Purple are still alive!" I thought to myself. Then came an even bigger crunch — Blackmore left.

I thought they would never find another guitarist to take Ritchie's place — until I bought "Come Taste The Band". The replacement, Tommy Bolin, seemed to be red hot. "Saved again", I began to think — and — I earnestly looked forward to a Purple gig in the near future.

But it was not to be. If only T.B. had kept his place and had not dominated the stage! Poor David Coverdale, who has a brilliant voice, was off the stage half of the show. Why not call it the Tommy Bolin concert? Anyway, I went to see Deep Purple — not, to put too fine a point on it, a fairy prancing around and touching Glenn Hughes as if he was madly in love with him!

O.K. lads, you may only be joking, but I never thought Deep Purple would sink so low as to include such a sickening show as this, I always looked on you as "Gods of Rock" not a puff band. Prancing around may suit the likes of chart rubbish, but it certainly is not part of Deep Purple! Sorry, but after five years of being a devoted fan, I QUIT, or whatever else you would care to call it.

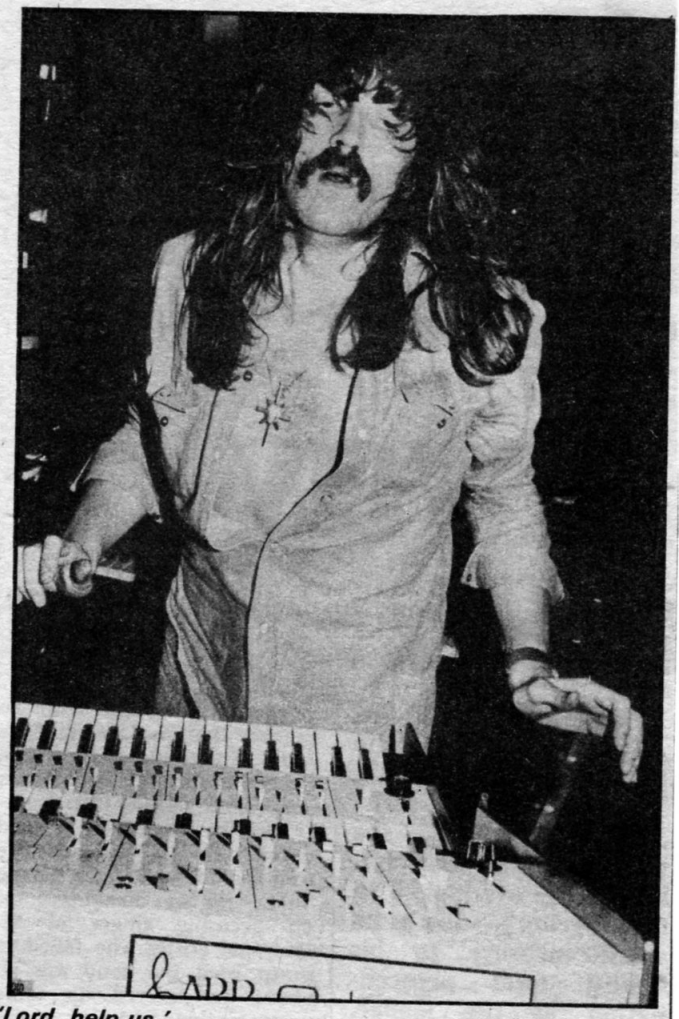
I'll blast my speakers out with 'In Rock', 'Machine Head' and 'Made in Japan' — I'll go back to the past, because if what I saw last night is the 'new' Deep Purple, I for one, will not be in their audiences in future. I'm sure many people who went will agree with me, judging by the shouts of 'Bring back Blackmore' during Tommy Bolin's solo spot.

I can't wait till Ritchie's Rainbow and the Ian Gillan Band tour Britain. I'm sure they'll give us some true rock. Jon Lord, Ian Paice and David Coverdale, get out while you can.

My Gods fell off their pedestal last night! — an ex. Purple fan.

I'VE JUST seen Deep Purple at Leicester's Granby Halls, and it was the worst gig I've ever been to. My God, it was just one long, boring Jam Session. Coverdale was only on stage for about half an hour, Bolin wasn't interested, and when he played his (pathetic) solo, he indulged in a slagging match with the crowd.

Long live Ritchie Blackmore, and the sooner he gets back on the road the better. The only good point of the gig was Jon Lord's solo, which the crowd seemed to appreciate. — 'fed up with Yanks', Nell the Shepherd, Pavenham, Beds.



'Lord, help us.'

AFTER SEEING their Wembley bash, I plead with Deep Purple to take the advice of one fan who cares for their future. Firstly, make sure the next album is up to the 'Come Taste the Band' standard, with Glenn Hughes showing a little more respect for David Coverdale by finally (if reluctantly) handing all vocals over to this excellent vocalist.

Next, — undertake an extensive tour, under a new name, completely ignoring any old Purple numbers as far as the act is concerned.

It's plain to see that Purple fans will never accept you for what you are not — Deep Purple. However, I'm sure they'll love you for what you are — an exciting new band. — Rock Fan, Nelson, Lancs.

PURPLE JÁ TEM SUCESSOR

Já está com as turbinas ligadas o novo grupo que surgiu com a morte do Deep Purple, por iniciativa do tecladista Jon Lord e do baterista Ian Paice. Mostrando que o Deep não passa de mais um capítulo na história do rock inglês, os rapazes já estão excursionando pela Inglaterra com o nome de Lord, Paice e Ashton (tecladista) — o grupo se completa com Bernie Marsden (guitarra) e Paul Martinez (baixo). Para o início do mês que vem está previsto o lançamento nos EUA e Inglaterra de seu primeiro LP, intitulado *Malice in Wonderland.*

★★★★★★★★★★★★★

JAN 77

MORRE EX-MÚSICO DO PURPLE

Ex-integrante do Deep Purple (na época da dissolução do grupo), morreu aos 25 anos de idade, num quarto de hotel em Miami, o guitarrista Tommy Bolin. O corpo foi encontrado por sua namorada Valoria Monzeglio e, até agora, as causas da morte não foram esclarecidas. Na época, Bolin estava em plena excursão pelos EUA, com sua nova banda, chamada Sailor. Depois de um show, ele foi a uma festa em sua homenagem; na volta, mal chegou no hotel, acabou falecendo. Tommy, que iniciou carreira no grupo James Gang, depois do fim do Deep Purple, chegou a lançar dois LPs solo: *Teaser* e *Private Eyes.*

★★★★★★★★★★★★★

CARAS DO PURPLE VÃO PRA OUTRA

O Deep Purple pode ter acabado, mas seus integrantes estão longe de abandonar o agitadíssimo mundo da música pop. O vocalista Glen Hughes, por exemplo, já resolveu se juntar aos antigos companheiros do Trapeze e reviver uma das bandas mais vigorosas que o rock conheceu. Excursionando pelos Estados Unidos e Europa, ele promete que o primeiro disco da nova fase do Trapeze vai ser uma verdadeira explosão de rock pesado. Por outro lado, o baterista Ian Paice e o tecladista Jon Lord também estão se mobilizando com o objetivo de formar uma nova banda. O nome não foi escolhido ainda, mas Paice e Lord já têm sessões de gravação marcadas para o primeiro LP, no Musicland Studios de Munick, onde, aliás, os Rolling Stones gravaram seu último LP, Black And Blue.

OUT 76

revista POP

LED ZEP E PURPLE: AMEAÇADOS

Definitivamente, alguns medalhões do rock and roll mundial estão em plena decadência. A afirmação pode parecer precipitada, mas reflete muito bem a realidade. Saca só: a mais recente excursão do Deep Purple pelos EUA foi simplesmente vergonhosa; o novo LP do Led Zeppelin, *Presence,* pela primeira vez na história do grupo permaneceu apenas duas semanas no primeiro lugar nas paradas de sucesso — um vexame pra quem é considerado um dos maiores recordistas da venda de discos. Enquanto isso, um outro grupo de rock pesado, também inglês, surpreende todo mundo com o sucesso que vem obtendo. Trata-se do Status Quo, muito conhecido no Brasil, onde todos seus LPs já foram lançados. Ainda há poucas semanas, os rapazes do conjunto deixaram milhares de jovens chapados, sem conseguir parar de dançar, durante um concerto beneficente em Cardiff, Inglaterra. E ao mesmo tempo, continuam vendendo horrores, em todo o mundo. O Led Zeppelin e o Deep Purple, portanto, que se cuidem. Se não quiserem receber o apelido, daqui a pouco, de "os avôs do heavy-metal-rock". Nu-

Lady Luck seems determined to destroy **Deep Purple**'s American tours no matter how hard the band tries to dodge her darts. Last fall she took aim at vocalist **Ian Gillan** and downed him with hepatitis while the group was in mid-tour, forcing them to cut the tour short and head dejectedly back to England. This time around, the Dismal Dame encouraged Purple's organ and drum kit to fall off the rear of a truck. Then she knocked out a limousine they were about to use with flames and brought another limo to a halt with a flat tire. And just to show that her quiver wasn't empty, Ms. Luck shot down **Ritchie Blackmore** with the same illness she'd used so effectively on Gillan during the last trip to the States. But the band was not about to be stopped. They vowed to finish the last dates of their junket even though Blackmore was laid up. After trying to persuade **Al Kooper** to fill the empty guitar slot and failing, they finally recruited former Spirit show-stealer **Randy California**. Yet, somehow, the substitute sound just wouldn't jell. Did the Mistress of Misfortune finally succeed in stopping the Purple tour? Unfortunately, yes.

Deep Purple Release Post Mortem Album

We haven't heard the last of **Deep Purple** yet. Their 'Made In Europe' album, recorded when **Ritchie Blackmore** was still in the group, but released after their demise, was enormously successful. As manager **Rob Cooksey** pointed out: "There would have been a Purple album released around the time 'Made In Europe' came out, so I'm not surprised how well it's done." Cooksey has the best of both worlds since he also represents the former group members in their current projects—all, that is, except **Ian Gillan.**

Cooksey's plan is to release a four album box set around October/November of 1977 by Deep Purple. Two albums will be compiled from Purple albums, a third will represent unreleased live and studio recordings over their eight year history and the fourth will be a tape of the legendary 'California Jam' of a couple of years back. A paperback book on the group should be included in the package and it is hoped a film of the 'California Jam' can be released coincidentally.

Meanwhile the post-Purple activities of former members are taking shape. **Jon Lord** and **Ian Paice** (see Circus 145) have a new group, completed by **Tony Ashton**, keyboards, vocals; **Bernie Marsden**, guitar and **Paul Martinez**, bass, which they promise will be completely different from the Purple style. It is expected to take the name Lord, Paice and Ashton, thereby bringing attention to Ashton's vocal and supportive keyboard role which will largely identify the group's sound. They re-'ease their debut album, 'Malice In Wonderland,' in late February, and have already started touring to herald its release.

David Coverdale should release his solo album within a month of the Lord/Paice effort. Called 'White Snake,' it features Coverdale, plus fellow **Geordie**, **Mick Moody**, who worked closely with David on most of the tracks, newcomer **Simon Phillips** on drums and on bass, another ex-Purpler, **Roger Glover**. Glover also produced the album. It is hoped this group will do a series of promotional dates on the album's release.

Finally, there's **Glenn Hughes**, who, after completing a short American tour with his former group, **Trapeze**, has now only to finalize his solo album, 'Play Me Out.' It's complete, bar additional orchestration and brass parts, and is a drastic departure from the Purple style. Hughes' music is best described as white soul, a direction he always favored but which could never be accommodated in Purple. "Deep Purple was like a big dinosaur which wouldn't lay down and die," he commented soon after the split, "and it's a blessing in disguise that the band has folded because now we're all free."

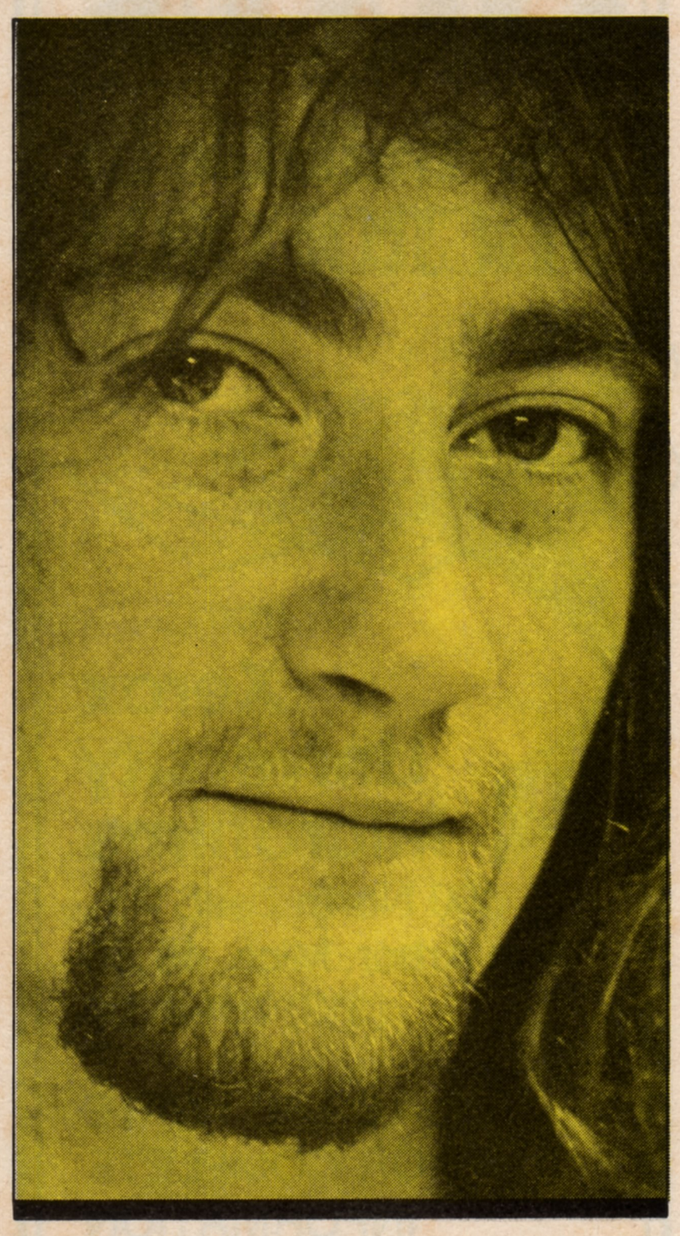
Glover LP Reaches For Earthly Elements

Former **Deep Purple** person, **Roger Glover** has been finishing up his second concept album, 'The Eyes Of Omega,' expected to be released at the end of February. Glover began the album in June, but involved himself with producing other artists—**Rory Gallagher**, **Status Quo** and **David Coverdale**—leaving him little time to work on his own project. In addition to this delay, the idea of making a concept album developed only after Glover began a frustrated attempt at a more conventional album. Explains Roger, "In June I began a commercial album of ordinary songs, but didn't get too far. I figured, 'Hell, why not do just what I want to do.' So I started this album. There are no set songs, just four movements. Each one represents one of the four elements."

According to Glover, this album is a reaction against his first concept album, 'The Butterfly Ball,' and is much heavier and less commercial. The origin of the album is as much a mystery to Glover as to anyone else. "It came from a poem I wrote," explained Glover. "I don't know why I wrote it or where it came from. I'm not even sure I understood what it meant, but I felt I had to try and interpret it through the music."

The first movement, which represents air, is developed as an Indian mantra. Earth is described by Glover as "slow heavy metal.' Fire is very energetic, "up and exciting," and water is interpreted through a soothing movement.

When asked how his background equipped him for such heavily orchestrated projects as 'The Eyes Of Omega' and 'The Butterfly Ball,' Glover explained that he has, in fact, no formal training except for some piano lessons as a child. "I hum the tunes or pick them out on the piano and have the arranger, **Graham Prescott**, do the scoring."



Roger Glover: A man for all elements.

3 Names out of History:

PAICE, ASHTON, LORD

Three names out of hard rock history, **Ian Paice, Tony Ashton** and **John Lord** can trace their roots back to a superior British lineage. Drummer Paice and organist Lord were founding members of Deep Purple in '68 and spirited the band through 8 years of shining metal accomplishments. Tony Ashton wrote, sang and keyboarded as part of Ashton, Gardner & Dyke ("Resurrection Shuffle"). Now, with new partners Bernie Marsden and Paul Martinez, they've funneled their collective pasts into 1977's premier rock debut...

Malice In Wonderland/Paice, Ashton, Lord

on Warner Bros. records & tapes.

O que aconteceu com os ex-Deep Purple?

Em meados de 70, a garotada anglo-americana foi sacudida por uma perigosa avalanche de som. As sete faixas do LP **Deep Purple in Rock** arrojavam trovões e relâmpagos com fúria até então inusitada. Foi o que bastou para consagrar Ritchie Blackmore (guitarrista), Ian Gillan (vocalista), Jon Lord (tecladitsta), Roger Glover (baixista) e Ian Paice (baterista), como reis absolutos do heavy-metal-rock. Integrando a segunda formação do Deep Purple, esses músicos passaram a ser idolatrados pelos adolescentes. E toda essa paixão seria alicerçada ainda mais graças aos Lps que se seguiram: **Fireball, Machine Head, Made in Japan** e **Who Do We Think we Are?**

No início de 73, contudo, as coisas começaram a desmoronar. O cantor Ian Gillan foi o primeiro a deixar o Purple e depois de passar três anos longe do público reapareceu em 76 com o LP **Child in Time** e um novo grupo – a Ian Gillan Band. Logo depois o baixista Roger Glover faria o mesmo preferindo trabalhar como produtor do Nazareth e outros conjuntos.

Dois anos depois o guitarrista Ritchie Blackmore também deixou o grupo fundando imediatamente o Rainbow. A tradição heavy-metal do Purple seria mantida através de três álbuns: **Rainbow, Rising** e o recente **Rainbow Live**. Restaram apenas o tecladista Jon Lord e o baterista Ian Paice que seguraram a peteca até meados de 76.

Paice e Lord, velhos amigos, ficaram juntos no grupo PAL. Glover saiu para o som progressivo. Gillan engordou e Blackmore virou estrela.

E, para desespero de uns e alegria de outros, o Deep Purple pendurou definitivamente as chuteiras.

"O Deep Purple se transformou numa espécie de laço de força ao redor de nossos pescoços", diz o baixista Roger Glover. "A maioria de meus amigos achava que eu estava louco em abandonar um grupo que fazia tanto sucesso. Mas quanto mais dinheiro ganhávamos, mais eu ficava infeliz. O Purple era apenas uma fórmula, um grupo que não podia progredir nem experimentar outros caminhos. Se isso acontecesse ninguém mais compraria nossos discos".

Glover, atualmente, transborda de alegria. Depois de acalentar durante anos o sonho de fazer um disco solo, acaba de lançar **Elements**, um trabalho totalmente livre e progressivo, inteiramente instrumental. "Há muito tempo" ele explica, escrevi um poema com esse nome. O disco é baseado nesse poema e está dividido em quatro faixas: "Air", "Fire", "Water" e "Earth". Não existe nenhum resquício do Purple, pois fiz questão de improvisar cada tema de maneira diferente. Acho que a garotada vai curtir muito."

O baterista Ian Paice e o tecladista Jon Lord também se sentem renascidos. Juntamente com o pianista Tony Ashton criaram o PAL (Pace, Ashton e Lord), um grupo que faz rock misturado com rhythm and blues. Contando ainda com o guitarrista Bernie Marsden e o baixista Paul Martinez, o PAL lançou recentemente o LP **Malice in Wonderland**. "Os tempos do Purple, diz Jon Lord, terminaram definitivamente. Trocamos os milhões de decibéis por um som mais balançado e envolvente. E existe muito humor nas letras de "I'm Gonna Stop Drinking" e "Shake With My Baby". Acho isso essencial nesses tempos cinzentos. E o melhor é que todos do grupo concordam comigo."

PURPLE EN CRISIS

Deep Purple parece estar atravesando una nueva crisis interna: han cobrado vigor los rumores sobre la separación del grupo. Mientras tanto, en Londres se acaba de editar un álbum retrospectivo del grupo. Bajo el título "24 Carat Purple", en dos discos brindan una completa recopilación de los temas más exitosos de la banda, en sus diferentes épocas y formaciones. Como por ejemplo una versión en vivo de su primer éxito: "Black Night".

Best Bets Of The Summer

DEEP PURPLE shake the U.S. with the throbbing of their heavy thunder.

Ritchie Blackmores Rainbow

Am erfolgreichsten ist bis heute trotz allem Ritchie Blackmore mit seiner Gruppe Rainbow geblieben, obwohl auch er bei weitem nicht mehr an alte Purple-Erfolge anknüpfen konnte. Seine Musik wie seine aggressive Bühnenshow sind das einzige, was noch an die frühen Purple-Tage erinnern.

Glenn Hughes

Der ehemalige Trapeze-Boss und Bassist/Sänger tat nach der Auflösung von Deep Purple das einzig Richtige: Er reformierte Trapeze wieder, die in Amerika einen ziemlich guten Ruf hatten. Doch diese vielversprechende Reunion hielt leider nur wenige Monate. Jetzt wartet Glenn mit seinem ersten Solo-Album auf. Weitere Zukunftspläne, vielleicht bald mit einer eigenen Gruppe, hat er noch nicht bekannt gegeben.

Tommy Bolin

Am 5. Dezember 1976 starb Tommy Bolin, Gitarrist der letzten Deep Purple-Formation, in seiner Heimatstadt Los Angeles an den Folgen übermässigen Drogenkonsums. Kurz zuvor war seine zweite Solo-LP erschienen, «Private Eyes». Der talentierte Tommy, der seine wahren musikalischen Möglichkeiten bei Deep Purple kaum ausschöpfen konnte, hatte für sich noch soviel vorgehabt. Sein unseriöser Lebenswandel machte ihm jedoch einen Strich durch die Rechnung . . .

Ian Gillan Band

Nach seinem Austritt auf dem Höhepunkt des Purple-Erfolges 1973 wollte sich Mädchenliebling Ian vorerst aus dem aktiven Musikgeschäft zurückziehen und seine Brötchen als Hotelier und Besitzer eines Plattenstudios verdienen. Doch sein Hotel ging pleite, und das Studio warf auch nicht das Geld ab, das Ian für seinen aufwendigen Lebensstil benötigte. Deshalb kehrte er Ende 1974 mit einer eigenen Gruppe, Ian Gillan Band, wieder auf die Szene zurück. Spielte er früher mit Purple in Riesenhallen mit mehreren tausend Zuschauern, so muss er heute wieder unten anfangen: In Clubs und kleineren Konzerthallen in der Provinz. Und noch ist kein Erfolg abzusehen.

David Coverdale

Bevor er von Deep Purple entdeckt und als Nachfolger von Ian Gillan engagiert wurde, war David Coverdale Kleiderverkäufer und Amateur, der in seiner Freizeit mit unbekannten Bands sang. Seit dem Split von Purple hat der stimmgewaltige David, der die Texte der zwei letzten Purple-Platten schrieb, ein vielbeachtetes Solo-Album, «White Snake», gemacht. Zur Zeit sucht der in Herrsching bei München lebende Sänger Musiker für eine eigene Gruppe. Ob er damit erfolgreich sein wird, zeigt die Zukunft.

Paice, Ashton & Lord

Obwohl musikalisch die weitaus interessanteste Formation, ist den ehemaligen Purples Jon Lord und Ian Paice, in Allianz mit dem Tastenclown und Sänger Tony Ashton plus drei weiteren Musikern, eine Fortsetzung ihrer erfolgreichen Karriere noch nicht gelungen.

Roger Glover

Bei Deep Purple stand der stille Roger immer im Schatten der Stars Lord/Gillan/Blackmore, obwohl er musikalisch ziemlich einen drauf hatte. Das bewies er als Produzent von Gruppen wie Nazareth oder Ian Gillan's Band, denen er in seiner Nach-Purple-Zeit im Studio den letzten Schliff verpasste. Auch sein Opus «Butterfly Ball», mit viel Aufwand und Superstars in der Royal Albert Hall aufgeführt, erntete begeisterte Kritiken. Roger hat keine Ambitionen mehr, aktiv im Musikgeschäft in Erscheinung zu treten, zumal er als Produzent von anderen Künstlern reichlich begehrt ist.

Fünf Jahre lang währte der geradezu unheimliche Erfolg von Deep Purple. Als Gillan und Blackmore ausstiegen, ging es unaufhaltsam abwärts für die Band. Am Schluss löste Jon Lord, der die Gruppe 1968 mit Ritchie Blackmore gegründet hatte, Deep Purple auf, bevor es zu spät war und die Band zur Mittelmässigkeit absackte. Doch keiner der ehemals umjubelten Superstars konnte allein oder im Verein mit anderen an alte Purple-Erfolge auch nur im geringsten anknüpfen. Vielleicht ist dies der Grund, warum sich Deep Purple wieder einmal formieren werden. Doch das Rad der Zeit kann man nicht mehr zurückdrehen. Und so erinnern wir uns zurück an die guten alten Zeiten, als Deep Purple eine der aufregendsten und erfolgreichsten Gruppen der Rock-Szene war . . .

Deep Purple auf Platten:
Shades of Deep Purple (062-04175)
The Book Of Taliesyn (062-04000)
Deep Purple (062-90505)
Concerto For Group And Orchestra (062-90749)
Deep Purple In Rock (062-91442)
Machine Head (062-93261)
Fireball (062-93726)
Who Do We Think We Are (062-94140)
Burn (062-94837)
24 Carat Purple (054-96424)
Made In Japan (188-93915/6)
Stormbringer (062-96004)
Come Taste The Band (TPSA 7515)
Made In Europa (062-98181)

Jon Lord: Gemini Suite (062-92817)
Windows (062-95634)
Sarabande (062-97943)

Paice, Ashton & Lord: Malice In Wonderland (Oyster 2417 313)

Roger Glover: Butterfly Ball (064-96026)

David Coverdale: White Snake (Oyster 2391 272)

Ritchie Blackmore's Rainbow: Rainbow (062-96787)
Rainbow Rising (Oyster 2391 224)

Ian Gillan Band: Child In Time (Oyster 2391 232)
Clear Air Turbulence (Island 28 609)

Glenn Hughes: Solo-LP noch nicht erschienen

Tommy Bolin: Teaser (ATL 50208)
Private Eyes (CBS 81612)

DAVID COVERDALE

IAN PAICE

GLENN HUGHES

TOMMY BOLIN

JON LORD

DEEP PURPLE

É ROCK PESADO PRA PUNK NENHUM BOTAR DEFEITO!

A ascensão do Deep Purple foi rápida demais. Em compensação, eles enfrentaram dez anos de brigas, desentendimentos e separações, até chegar à conclusão de que não dava pra segurar a barra. Quem lucrou com essa demora foram seus fãs, que puderam acompanhar a trajetória de um dos grupos de rock pesado mais incríveis de que se tem notícia. Aqui, José Emílio Rondeau, de POP, conta toda a história do Purple.

FOTOS: FIN COSTELLO (RETINA)

BRIGAS, EXCURSÃO FRACASSADA: E O DEEP PURPLE CHEGA AO FIM

O Deep Purple hoje faz parte da arqueologia do rock e é recomendado como a enciclopédia ideal para os que, só agora, se iniciam no heavy metal. Ontem, eles estavam apenas preocupados em fazer um som da pesada e acabaram "documentando" uma época. Sua história musical conta um dos períodos mais férteis e competitivos do rock inglês e serve como exemplo de uma era em que tudo foi possível, em que o rock era um estilo de vida. O trabalho do Purple compreende, em quase dez anos de carreira contínua, treze álbuns e duas compilações de sucessos. Mas para alcançar — e manter — o sucesso, a moçada púrpura teve que enfrentar grandes barras: muitas separações, brigas. Enfim, tudo para segurar o "clima" do grupo.

Duas obsessões: música negra e estrelato.

Quando, em 1968, Jon Lord — ex-ator, ex-auxiliar de escritório, pianista, organista e músico profissional há quatro anos — apresentou a seu amigo Richard "Ritchie" Blackmore, guitarrista que excursionava pela Alemanha, a idéia de formar um grupo, não poderia imaginar que, naquele momento, estavam inaugurando um dos maiores nomes da corrente hard do rock inglês: o Deep Purple. Há tempos os dois vinham alimentando o projeto, durante as homéricas bebedeiras das épocas das vacas magras; e ambos dividiam duas profundas obsessões: a música negra e o estrelato. Chegando a Londres, Blackmore saiu em busca de um baterista e convidou outro velho amigo de noitadas, Ian Paice.

Com um pequeno anúncio de jornal, conseguiram encontrar o vocalista e o baixista: respectivamente, Rod Evans e Nicky Simper. "Deep Purple foi um nome que tiramos de um listão de nomes que selecionamos. Tinha Orpheus — quase foi escolhido, era tão chique — e So & Sos, mas Ritchie preferiu Deep Purple; era um nome de sorte, porque era o título da música favorita da avó dele", recorda-se Jon Lord.

Depois de um mês, o Purple já havia conseguido um contrato de gravação com a Tetragrammton/Parlophone, um empresário e um financiamento de 10.000 libras para a compra de aparelhagem. Gravaram o primeiro compacto, *Hush*, e foram excursionar pelos Estados Unidos, fugindo do já saturado mercado europeu. Um jogo de azar que deu certo: o compacto chegou às paradas e, mesmo com o nome lá embaixo no cartaz de promoção dos shows, desse tamaninho, o Purple foi bem-sucedido na América. Dessa forma, foi estabelecida a maior pista para o futuro do Deep Purple: seriam, para sempre, ignorados na Inglaterra e idolatrados na América.

Numa das últimas noites americanas, Blackmore decidiu que a banda precisava evoluir, precisava de idéias e sangue novo. O que significava ter que despedir o cantor e o baixista, que já haviam trabalhado nos dois primeiros álbuns, *Shades of Deep Purple* e *Book of Taliesyn*. Assim, quando foi lançado o terceiro LP, *Deep Purple in Concert*, o grupo já não era mais o mesmo de anteriormente. Da banda de blues Episode Six sairia um cantor de voz ágil e poderosa, Ian Gillan, e um baixista que tinha estilo e ambição, Roger Glover. Depois de dois anos de existência, o Deep Purple começava a ter uma identidade própria, uma característica do novo rock que surgia naquele começo de década, um rock mais feroz, mais pesado, mais eletrônico.

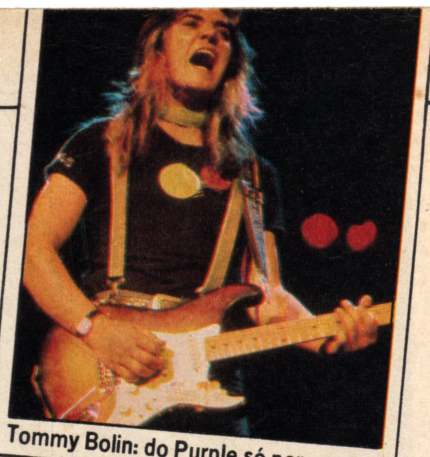
O ano era 1970 e o Purple lutava para manter seu nome na Inglaterra entre seus grandes contemporâneos — Led Zeppelin, ELP, Black Sabath —, o que só foi conseguido com o álbum *In Rock* e o compacto *Black Night*, seus primeiros discos de ouro. Mesmo que, em 71, o novo álbum, *Fireball*, e o novo compacto, *Strange Kind of Woman*, tivessem se transformado em sucesso instantâneo, o Purple começava apresentar os primeiros sinais de ruptura interna, como explicou Blackmore: "Na verdade, a gente se odeia e mal se fala quando está tocando". Palavras bem ditas e proféticas, que iriam refletir no futuro imediato da banda heavy.

Insatisfação e novas mudanças

Já que as mudanças internas não tinham ajudado muito no "clima" do grupo, eles começaram a buscar lugares diferentes para a gravação do novo LP. Queriam o Cassino de Montreaux — que pegou fogo na véspera da gravação — e acabaram improvisando um estúdio no corredor do hotel. O resultado desse clima de quase brincadeira foi o álbum *Machine Head*, que assegurou o estrelato que tanto perseguiam.

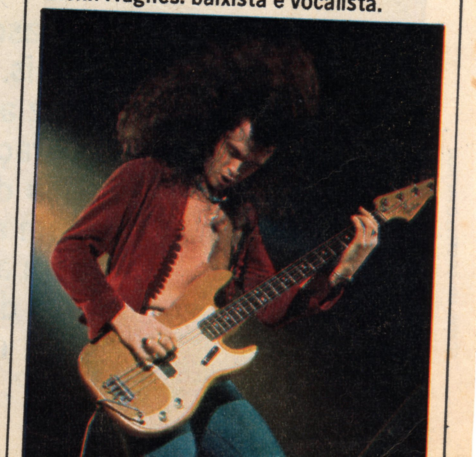
Mais uma vez, a falta de progresso foi pretexto para novas mudanças e foram embora Ian Gillan e Roger Glover — que passou a produzir o Nazareth. A busca de novas pessoas continuou e só terminou quando encontram Glen Hughes — baixista do Trapeze, que já era amigo de Lord e Ritchie. Ainda faltava um cantor, mas logo encontraram: David Coverdale — ex-balconista de uma butique em Londres.

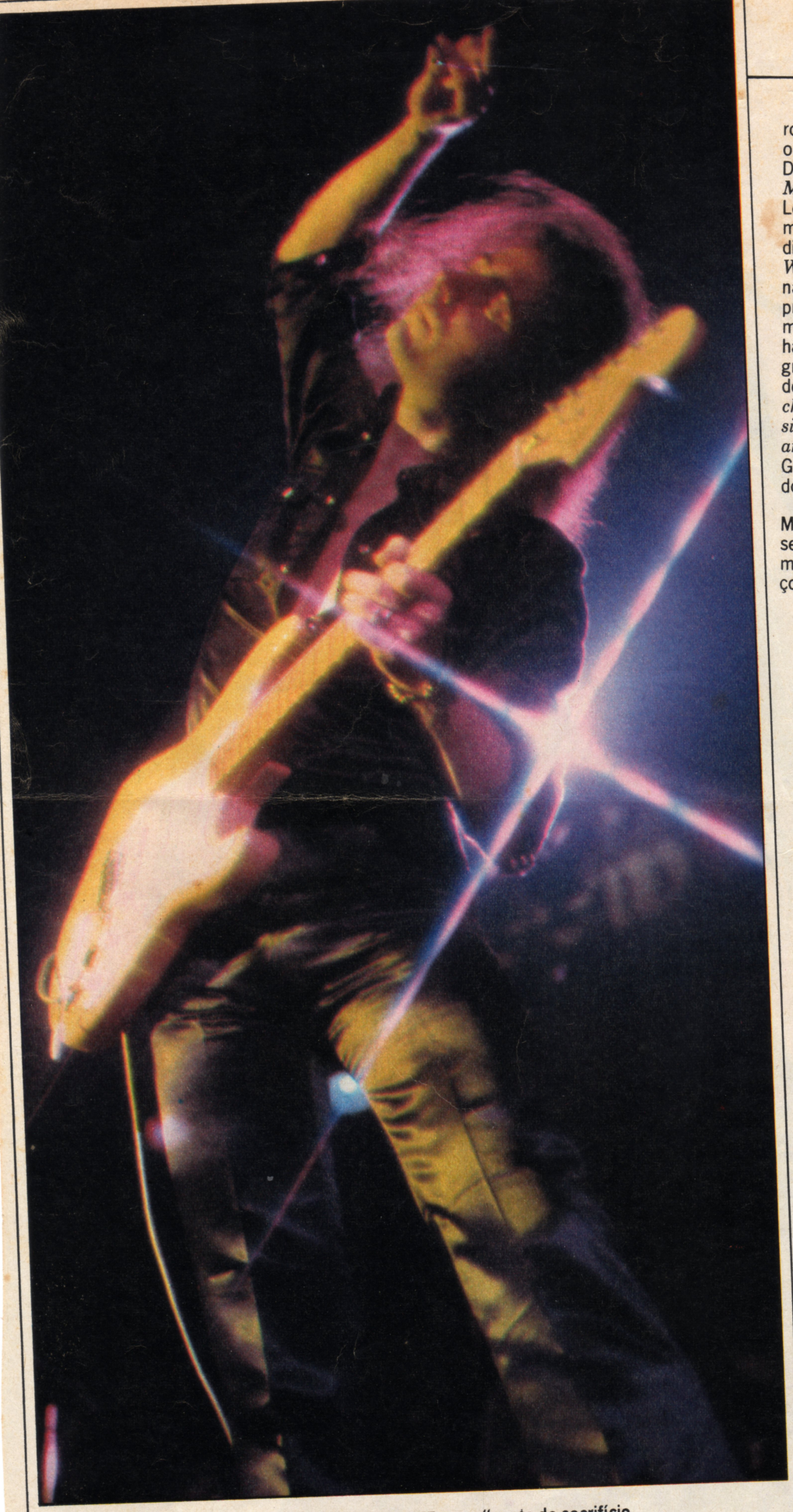
Foi dentro desse clima de mudança que Blackmore abandonou o grupo, em 75. Seu sucesso foi Tommy Bolin – virtuoso do jazz


Tommy Bolin: do Purple só por um ano.

Ian Paice: um dos primeiros eleitos.

Jon Lord: o criador do heavy rock inglês.


Glenn Hughes: baixista e vocalista.



Ritchie Blackmore abandonou o Deep Purple, em 75, num "gesto de sacrifício, porque não estávamos criando nada, estávamos desleixados".

rock, que permaneceu apenas um ano com o grupo. Com sua saída, o Purple acabou. Deles sobrou apenas um álbum póstumo, *Made in Europe*, gravado ao vivo. Paice e Lord formaram com Tony Ashton — ex-Family — a Paice, Ashton, Lord e o primeiro disco da nova banda saiu em 77, *Malice in Wonderland*. Coverdale formou o Whitesnake e lançou um álbum solo. Hughes virou produtor e até hoje se espera o seu tão prometido álbum individual. Blackmore, que já havia saído em 75, progride célebre com seu grupo Rainbow, com que carrega a tradição do heavy rock através dos quatro LPs, *Ritchie Blackmore's Rainbow, Rainbow Rising, Rainbow Live e Longe Live Rock and Roll*. Ian Gillan formou, em 76, a Ian Gillan Band e já tem dois álbuns solo gravados.

Foi um difícil trajeto, o do Deep Purple. Mas, sem dúvida, as mudanças e as procuras serviram para lançar muita gente boa no mundo do rock. Valeu! Mas pagou-se um preço muito alto: o fim do Purple.

AQUI, A DISCOGRAFIA DO DEEP PURPLE

Shades of Deep Purple (Tetragrammton/Harvest), *Book of Taliesyn* (Tetragrammton/Harvest), *Concert for Group and Orchestra* (Tetragrammton/Harvest), *Deep Purple in Rock* (Warner/Harvest) *Machine Head* (Warner/Harvest), *Made in Japan* (Warner/Harvest), *Who Do We Think We Are* (Warner/Purple), *Stormbringer* (Purple), *Come Taste the Band* (Purple), *Made in Europe* (Purple).

Compilações:

24 Carat Purple (Purple) e *Singles A & B* (Parlophone).

Discos solo:

Jon Lord — *Gemini Suite* (Purple), *Windows* (Purple), *First of the Big Bands* (Purple), *Sarabande* (Purple).

Paice, Ashton, Lord — *Malice in Wonderland* (Oyster).

David Coverdale — *Whitesnake* (Purple) Tommy Bolin — *Teaser* (Nemperor/Atlantic), *Private Eye* (Columbia/CBS).

Ritchie Blackmore's Rainbow — *Rainbow* (Polidor), *Rainbow Rising* (Oyster), *Long Live Rock and Roll* (Oyster). Ian Gillan — *The Ian Gillan Band* (Polidor).

Endereço para correspondência: Internacional Emi Records, c/o Marketing Maneger. Mike Heatley — Seymour Mews House, Seymour Mews, London — W1A1ES — England.

TO BE OR NOT TO BE?

by Andy Secher

Hit Parader's *roving (and exhausted) reporter tracks down Jon Lord, Ritchie Blackmore, Roger Glover and Ian Paice with the Ultimate Question: What Ho, Murray?*

Deep Purple is a thing of the past. I never want to go through an experience like that again.

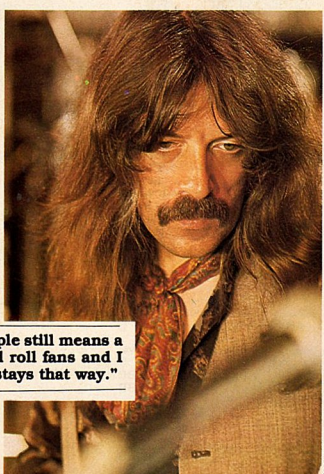
— Ritchie Blackmore, 1978

I think that there's an excellent chance that Deep Purple can get together again in the near future.

— Jon Lord, 1980

It wasn't long ago that Deep Purple ruled as the unquestioned champions of rock's heavy-metal domain. During the early 1970s, their fire-and-brimstone sound catapulted them to the position of the single most popular act in the rock world. Their albums, **Deep Purple in Rock, Made in Japan** and the legendary **Machine Head,** sold millions of copies from Topeka to Tokyo and captured the robust energy that is the essence of the heavy metal rock form.

"The name Deep Purple still means a lot to most rock and roll fans and I mean to see that it stays that way."



Jon Lord: "We're not gonna get together just for the money."

Fin Costello

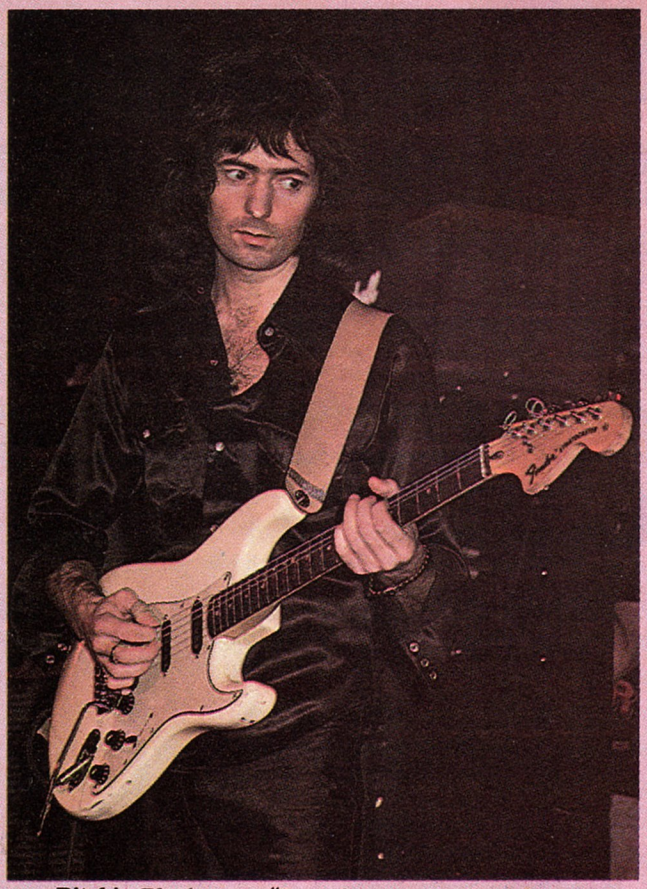
Rallying around the classically-tinged keyboard passages of Jon Lord, the hair-raising vocals of Ian Gillan and later David Coverdale, the pounding rhythms of bassist Roger Glover and drummer Ian Paice, and the kamikaze-blitz guitar runs of the inimitable Ritchie Blackmore, Purple created an unmistakable sound mixing AM-radio accessibility with FM-styled progressivism. Blackmore's thunderbolt riffs on such classic numbers as *Smoke on the Water, Highway Star,* and *Burn* comprised something of a doctoral thesis of guitar virtuosity and helped the band demonstrate the musical power inherent in the heavy-metal genre.

Despite their world-wide acclaim, however, by 1974, noticeable weaknesses in the band's seemingly impenetrable metal armor began to appear. First, following the release of the lackluster **Who Do We Think We Are?,** both Gillan and Glover left the band, citing "irreconcilable differences" with the other group members. Two albums later, Blackmore, always the band's musical catalyst, departed to form Rainbow, a band he described as having a "far less restrictive format than Purple." While the remaining group members made one last desperate attempt to plug up the band's by-then-gaping holes, it was soon apparent that Deep Purple was on the brink of total disintegration.

Finally, in 1976, following the release of the meandering **Come Taste the Band,** (featuring guitarist Tommy Bolin, who died tragically soon after the album's release) came official word that Deep Purple was ceasing operations. Many rock fans greeted Purple's breakup with both disappointment and relief: disappointment because the rock world was losing one of it's stellar attractions, and yet relief that the band had finally reached the inevitable end of their self-destructive path. It seemed as though all that remained for the band was a series of "posthumous" compilation albums, and a prominent place in the rock and roll history books. But perhaps the eulogies for Purple were written prematurely. Today, four years after their last performance, rumors are running through the rock grapevine that *the* original members of Deep Purple (Blackmore, Lord, Glover, Paice and Gillan) are once again preparing to unfurl their heavy-metal banner.

"We've been keeping in touch quite regularly," Jon

Lord told me recently from a suite in Los Angeles' Century Plaza Hotel. Lord, who (along with fellow Purple alumni, Paice and Coverdale) is presently involved in the band Whitesnake, then indicated that he views a Purple reunion as a near certainty. "As far as I'm concerned, it's just a matter of time," he said. "It's important to understand that Deep Purple never actually broke up. We just decided to put the band on the shelf for a while and pursue new musical projects. In our minds the band is still very much a living entity. I've spoken to Ritchie and Roger quite recently, and I think everyone associated with the band would love to get together if the proper sort of project could be found. That's the key. We're not gonna get together just for money. We want to do something that has true musical merit, something that will add to the Deep Purple 'legacy.' "



Bob Leafe

Ritchie Blackmore: "I got fed up with directing the band's entire approach."

But Lord's encouraging words cannot be interpreted as a definite commitment from all the former band members to the "new" Purple. There are still a number of festering wounds that time is only now beginning to heal. Blackmore in particular remains somewhat reticent about rechanneling his energies into the band, for he bitterly remembers how much of the group's musical burden fell on his shoulders following their initial success. "I originally left Purple because I got fed up with directing the band's entire approach," he said during a conversation backstage at Atlanta's Omni Auditorium. "I was with them for seven years, and it seemed that the band began to prefer the easy life to that of playing rock and roll. By the time **Machine Head** came out, we had even stopped rehearsing. Obviously a lot of that energy had to go out of the music with so little effort being put in. We had totally lost the sound that had made albums like **In Rock** so good. The only reason I stayed was because our financial advisors virtually forced me to. I still find certain aspects of my Purple experience very distasteful, but I think that everybody in the band has matured to a great extent. I'd probably be interested in working with them again, but only if the situation was right."

As both Blackmore and Lord indicated, a proper musical situation is the key to the band's possible reformation. Each former band member is currently enjoying a successful post-Purple career, and obviously it would take an enticing project to prompt them to sacrifice (even temporarily) their current commitments to rejoin Purple. As mentioned, Lord, Paice and Coverdale are currently members of Whitesnake, a blues-rock band whose album, **Ready and Willin'**, has established the group as a powerful force on the rock scene. Ian Gillan, who briefly retired from music to concentrate on an acting career, has returned to rock and roll with **Glory Road**, an album that emphatically proves that he is the loudest shrieker in the history of popular music. Blackmore and Glover have again teamed up in Rainbow, whose new album has proven the band's most successful to date. It seems, however, that they are all willing to give Purple at least one more shot.

"There was talk of us getting together for a concert in Europe a few months back, but there were just too many commitments in the way," Roger Glover told me as we sat in a hotel bar in Philadelphia. "Right now, our current bands have to come first. Purple will always hold a very special place in my heart, and I'm really not sure what exactly would prompt me to get involved again. In a way I guess I'd love to relive the Purple experience, it was the most incredible time of my life. The reason I joined

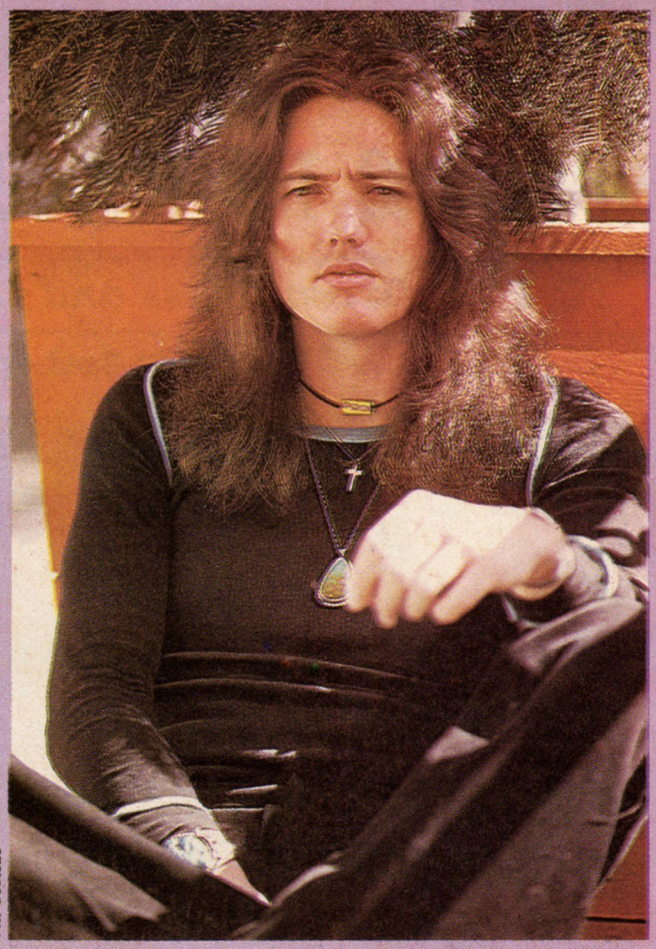
Roger Glover: "I'm not really certain the world is ready for Deep Purple again."

Rainbow in the first place — after I had retired to produce — was that I realized that I also loved to play rock and roll. But I'm tempted to just let all the good memories stay where they are.

"I'm not really certain the world is ready for Deep Purple again," he added with a laugh.

While Glover may have his doubts about the public's readiness for a reformed Purple, their old record company, Warner Brothers, seems to have no such doubt. With the appearance of the greatest hits package **Deepest Purple**, the company has shown that they believe Deep Purple is still as potent a commercial force as ever. "It was nice to have the album out," Lord said. "It had originally come out in Europe a few months ago and it did incredibly well. I think a whole new generation of fans, people who weren't interested in rock and roll when the albums first came out, have grown up, and they wanted to find out what all the excitement was about. The name Deep Purple still has a rather special connotation to a lot of people, and **Deepest Purple** gives some of our younger fans a chance to hear us at our best."

"We were especially quite involved with the album," drummer Ian Paice chimed in. "We were all very upset when the **When We Rock, We Rock (and When We Roll, We Roll)** album came out last year. It was a rather shoddy job to say the least. The company had just told us they were putting out a 'hits' album, and we had no say in the matter at all. Hell, they even spelled Ritchie's name wrong. This time, when EMI, which is our European label, said that they wanted a 'hits' package, they asked us to get involved. I was happy to go in and re-mix some of the older material, and select the songs that give a proper representation of our career. That's the same package that's out in the States now, and it's nice to see that so many people still remember us over here."



Fin Costello

Ian Paice: "It's nice to see that so many people still remember us over here."

Fin Costello

David Coverdale's new band, Whitesnake, features Jon Lord and Ian Paice.

While the "best" of Deep Purple can be heard on their greatest hits album, the "worst" was actually heard fairly recently on stage. It seems that a group of California musicians got together and — you guessed it — called themselves Deep Purple. Despite the fact that the band actually did contain one former group member, singer Rod Evans who appeared in the band briefly at the very start of their career, both Lord and Paice view this as a gross injustice to the Deep Purple name. They both recently appeared in court in an attempt to get an injunction against the "imposter" band and their use of the Deep Purple name.

"Can you believe that something like that can happen?" Lord said with a laugh. "I mean these guys actually played at Long Beach Arena using the name Deep Purple. They played *Smoke on the Water* and all our best known things until they were booed off the stage. Can you imagine what might happen if we didn't try and stop this fiasco? By next month there'd be thirty bands calling themselves Led Zeppelin, and maybe fifty more who called themselves the Beatles. The worst part of the whole thing is the damage it might do to our reputation. If we do get back together and decide to tour, what happens if word gets around saying, 'Oh yeah, I saw them last year at Long Beach, and they weren't anything like I remembered.' The name Deep Purple still means a lot to most rock and roll fans, and I mean to see that it stays that way."

Perhaps the ultimate irony of all this re-formation talk is that during their decade together, few bands were rumored to have had more internal squabbles than Deep Purple. Over the years an endless procession of stories appeared proclaiming that Glover hated Lord, and Paice hated Gillan, and Blackmore hated everybody. According to Lord, however, not only were those rumors almost totally untrue, but today the band members are closer than ever.

"In any situation where you live and work with the same people for ten years, there's going to be some degree of friction, that's only natural. We're all professionals and when things didn't go exactly right, we would occasionally get a little miffed at one another. Actually, today we stay in touch rather closely. Roger lives down the road from me a few miles and I see him all the time. Ritchie lives in Connecticut now, so our paths rarely cross, but we stay in touch by phone. Of course Ian, David and I are in Whitesnake, so we see each other daily. We are all actually closer than ever, and I think if we can just get a few details ironed out, we may be seeing each other again on a rather regular basis."□

Tivessem nascido noutro século e, de brancas e empoadas cabeleiras, empunhando cellos, violinos e clavicórdio, os membros do Deep Purple certamente estariam numa orquestra de câmara ou afim. Pois não foi com o pomposo *Concerto for Group and Orchestra*, gravado no Royal Albert Hall, com a também Royal Philharmonic Orchestra, que o Purple de Ritchie Blackmore, Jon Lord, Ian Paice, Ian Gillan e Roger Glover iniciava sua escalada à consagração mundial, como uma das maiores bandas de rock da década de 70?

A história, é claro, começou bem antes. 1967 terminava quando Jon Lord, tecladista de formação clássica, e Nick Simper, baixista, ex-integrantes da recém-finada banda dos Flowerpotmen, foram contratados pelos empresários Tony Edwards e John Coletta. A idéia era eles acompanharem Chris Curtis, ex-batera dos Searchers e então cantor, em sua investida solo. Em meados de 68, Curtis já havia desistido... mas não Edwards & Coletta! Naquela época, quando mecenas ainda existiam, a dupla insistia para que Lord e Simper arrumassem um conjunto. Bons tempos.

O primeiro a ser recrutado foi Ritchie Blackmore, amigo de Jon e músico de estúdio (ele já tinha gravado, entre outros, com Nero & The Gladiators e Screaming Lord Sutch & The Savages). O baterista Ian Paice e o vocalista Rod Evans chegaram por intermédio de anúncios em publicações especializadas. Só faltava o nome, e este quem sugeriu — vejam só! — foi a avó de Ritchie, que adorava uma canção chamada *Deep Purple*. A turma gostou. Estavam batizados. E não perderam tempo.

Contrato assinado com a EMI, através do selo Parlophone Records, e já em setembro do mesmo ano o cover *Hush*, de Joe South, emplaca o quarto lugar da hit parade americana! Novos compactos e novos sucessos através de versões de Neil Diamond (*Kentucky Woman*) e Phil Spector (*River Deep, Mountain High*), além de três LPs, *Shades of Deep Purple, The Book of Taliseyn* e *Deep Purple*, até 1969. As vendas nos EUA eram encorajadoras, mas a direção musical da banda, até então baseada em novas versões para velhos sucessos (gravaram inclusive *Help* e *We Can Work It Out*, dos Beatles), e o completo anonimato em relação à Inglaterra deixaram claro que precisavam fazer algumas mudanças.

À procura de um estilo, já delineado por Lord e seu órgão Hammond e pela guitarra trabalhada de Blackmore, os Purples resolvem simplesmente extirpar Rod Evans e Nick Simper. Ainda que trocando o certo pelo duvidoso, essa decisão mostrou-se importantíssima e definitiva (bem, nem tanto) na história do grupo. Um passeio pelos pubs londrinos e o trio encontra a banda de blues Episode Six. Não havia dúvidas: lá estava a dupla substituta: Ian Gillan nos vocais e Roger Glover no baixo.

Estamos em 1970 e diversas tendências levam o rock a vôos mais altos e complexos, musical e estruturalmente. Lord, capacitado a lançar mão de toda a parafernália e experimentalismos que a época lhe permitia, escreve o tal *Concerto for Group and Orchestra*. O disco seria recebido igualmente com reservas e entusiasmo. Até o próprio Gillan diria:

— *O* Concerto *não era nem um pouco representativo de nossa música. Foi um projeto de John Coletta e ele simplesmente pediu que a gente tocasse.*

Créditos fotográficos:
1 a **7.** Salamander Books/Robert Ellis

Mas foi com o hit *Black Night*, segundo lugar nos EUA em setembro de 70, e o LP *Deep Purple in Rock*, que a coisa realmente chegava ao ponto desejado. "Quando começamos a compor, tudo se ajeitou imediatamente", disse Lord. Assumindo o estilo que lhes daria um lugar tanto nas fileiras de heavy metal quanto nas de art rock, rapidamente atingem o sucesso pleno e o milhão de cópias vendidas. Ao mesmo tempo, eram obrigados, por contrato, a lançar dois álbuns por ano, o que pode soar um absurdo nos dias de hoje, e realmente era. Esse exagero, associado às exaustivas turnês americanas, os desgastou demais. Por isso, apesar dos álbuns seguintes navegarem pelas águas tranqüilas da consagração, após *Fireball* e o clássico *Machine Head* (com as eternas *Highway Star* e *Smoke on the Water*) o relacionamento pessoal entre os integrantes do grupo beirava o conflito físico. "Eu acho que posso fazer alguma coisa mais excitante que o Deep Purple", declararia Blackmore.

Gillan e Glover de certa forma pensavam o mesmo. Tanto que, após o lançamento do duplo ao vivo *Made in Japan* e de *Who Do We Think We Are?*, respectivamente em 72 e 73, ambos decidem deixar a banda. Gillan estava entusiasmado com o resultado de sua participação no álbum da peça *Jesus Christ Superstar*, e Glover decidira tornar-se produtor. Para substituí-los são convocados Glenn Hughes, talentoso baixista-cantor do Trapeze, e o até então balconista e promissor vocal David Coverdale — "Foi como num conto de fadas", ele diria.

Ainda em 73, com a nova formação, lançam *Burn*, que mantém o pique, e em 74 sai *Stormbringer*. Até hoje fãs se batem por suas preferências. Gillan e Glover ou Coverdale e Hughes? Questão de gosto. O fato é que a quarta e derradeira formação estava próxima. Após *Stormbringer*, Blackmore, que já vinha ameaçando algum tempo, deixa de vez a banda para formar a sua própria, a Ritchie Blackmore's Rainbow, mais tarde abreviada para Rainbow. E é ele mesmo quem indica o garotão Tommy Bolin para o seu lugar. Com Bolin os Purples lançam o último LP de estúdio: *Come Taste the Band*. Apesar do sangue novo injetado pelo guitarrista, que escreveu ou co-escreveu sete das dez faixas do álbum, a banda não resistiu e morreu em julho de 76. Ironicamente, o próprio Bolin teria o mesmo fim pouco depois: em dezembro do mesmo ano um ataque cardíaco fulmina o mais jovem e menos roxo dos Purples.

Os demais, porém, continuam, e bem vivos, cada um no seu caminho. Blackmore segue trocando as cores de seu arco-íris a cada novo álbum, com a colaboração, por exemplo, de Roger Glover, de volta ao baixo. Ian Gillan, após naufragar em seu Ian Gillan Project, juntou-se ao Black Sabbath. Já o Glenn Hughes associou-se a Pat Thrall, formando a dupla Hughes & Thrall, e David Coverdale, de crise em crise, consegue manter o Whitesnake, com a colaboração de Jon Lord e Ian Paice.

Fãs e produtores, no entanto, ainda não se conformam e insistem numa volta triunfal do grupo. A resposta, porém, é sistematicamente negativa. Mas... (sempre há um mas) um dia um poderoso *big boss* do *show bizz* ofereceu milhões para que fizessem uma *world tour*, gravassem um *live album*, um *live video* e todo *merchandising* a que têm direito. Até empresários brasileiros foram contatados! Não se sabe se o sistemático "não" será mantido. Pode ser que haja um pote de ouro no fim do arco-íris, hem, Blackmore?

Deep Purple

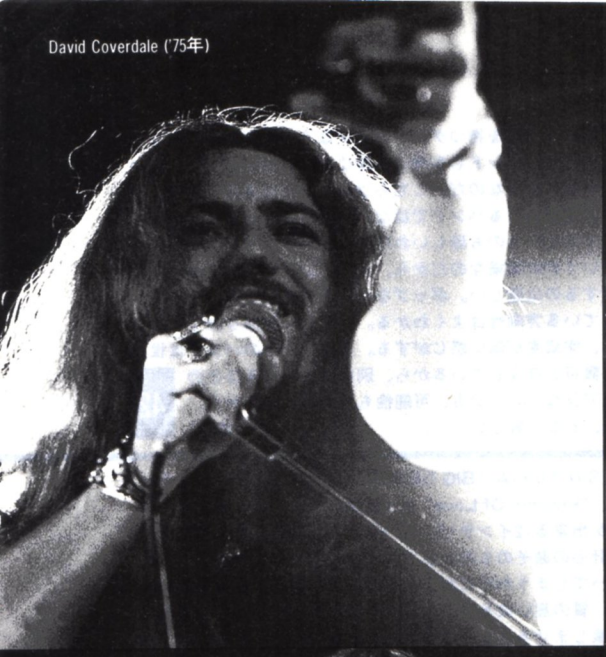
METÁLICO & ORQUESTRAL

1
2
3

*Uma das formações clássicas do Deep Purple (**1**, em apresentação no Rainbow Theatre, Londres, 1972): Ian Paice (**2**), Ritchie Blackmore (**3**) -- depois substituído por Tommy Bolin (**6**) —, Ian Gillan (**4**) — substituído por David Coverdale (**5**) — e Roger Glover (**7**).*

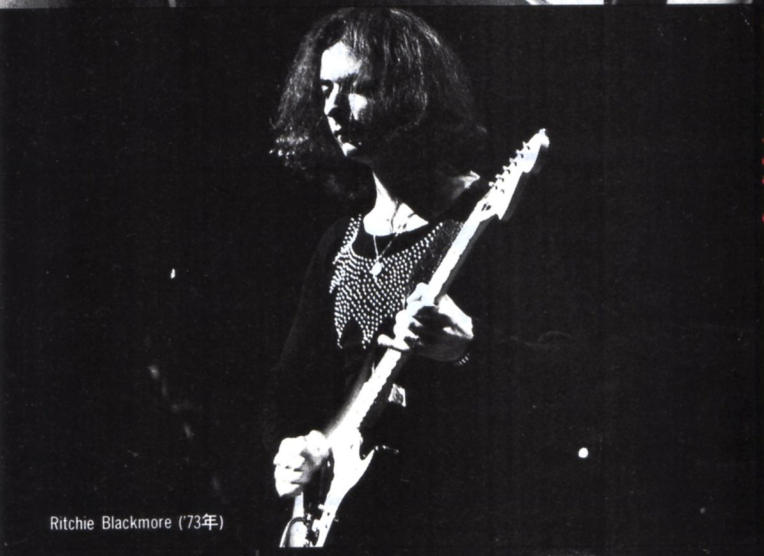
Discografia Básica

Fireball (Harvest/Odeon, 1972)
Machine Head (Harvest/Odeon, 1972)
Made in Japan (Purple/Odeon, 1974)

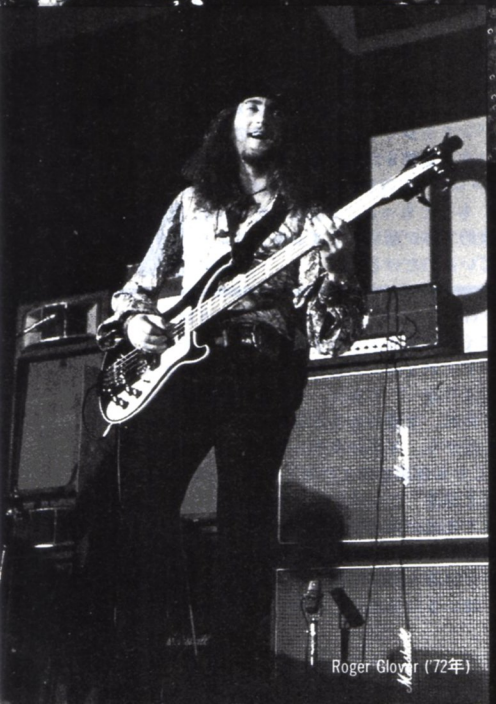

David Coverdale ('75年)

Glenn Hughes ('74年)

■第1回来日公演日程■
1972年 8月15日：大阪厚生年金会館
8月16日：大阪厚生年金会館
8月17日：日本武道館
8月18日：日本武道館
8月19日：日本武道館
■第2回来日公演日程■
1973年 6月24日：名古屋市公会堂
6月25日：日本武道館
6月26日：日本武道館（中止）
6月27日：大阪厚生年金会館
6月29日：大阪厚生年金会館


Ritchie Blackmore ('73年)

Ian Paice ('72年)


Roger Glover ('72年)

日本において、国内盤、輸入盤、アルバム、シングルなど、すべてを含めたレコード売上げがBEATLESに次いで第2位、海賊盤の種類世界第1位、グループに参加したミュージシャンの関連レコードの種類世界第1位、アマチュア・ギタリストに最もコピーされた曲"Smoke On The Water"、20年前に発表されたデビュー・アルバムが未だ廃盤にならない……これらは、DEEP PURPLEの凄さを示したほんの一部の事実である。

しかし、そうした数字的結果など足元にも及ばない彼らの凄みは、そのライヴ・パフォーマンスにあった。特に、俗に言う"黄金時代"――第2期DEEP PURPLEの5人によるステージでは、いつも何かが起きていた。インプロヴィゼーション（即興演奏）を基にしたプレイゆえ、思わぬフレーズ、楽曲が随処で飛び出したが、それを聴くのもファンの楽しみだったし、だからこそ、マニアは全公演を観たがった。それが不可能ならば、彼らは海賊盤を買い漁ったのである。

ただ、そうした即興をいとも簡単にやってのけることが出来たのは、各メンバーが幅広い音楽的資質とキ

■第3回来日公演日程■
1975年12月8日：名古屋市公会堂
12月11日：大阪厚生年金会館
12月12日：福岡九電記念体育館
12月15日：日本武道館
■第4回来日公演日程■
1985年5月8日：大阪城ホール
5月9日：大阪城ホール
5月11日：名古屋・国際展示場
5月13日：日本武道館
5月14日：日本武道館
5月15日：日本武道館
5月16日：日本武道館

Purple

Live in Australia ('86年)

Jon Lord ('74年)　Tommy Bolin ('76年)

Live at Budokan ('72年)

(l. to r.)Jon Lord, Ian Gillan, Ritchie Blackmore, Ian Paice, Roger Glover ('70年)

Ian Gillan ('73年)

ャリアを持っていたからだ。1人がジャズのスタンダードを弾き始めると4人がすぐにそれに合わせる……打ち合わせにないことを平然と、それも曲の途中でやってしまう凄みは他のバンドでは味わえないものだった。台本どおりに、決められた進行どおりセットを夜毎繰り返す現在のHM／HRバンドにはないスリリングなプレイこそが、DEEP PURPLEの真骨頂でもあった。それは、リッチー・ブラックモアによってRAINBOWに受け継がれ、そして、今は再結成DEEP PURPLEでも再現されている。

プリティッシュ・ロックの1グループとしてスタート、当初はアメリカで細々と活動していたDEEP PURPLEは「IN ROCK」アルバム発表と共に、巨大なHM／HRバンドになった。そして、彼らに触発されて、その後、数多くのグループが世に生まれ、その音楽も様々な形に変化しながらも現在に継承されていることを考えると、DEEP PURPLEこそがHM／HRの原点と言えるかもしれない。国籍も音楽スタイルも全く違うMOTLEY CRÜEのニッキー・シックスは言っている。「DEEP PURPLEがバンドをやろうという気にさせた！」

DEE
Claude Gassian

Deep Purple

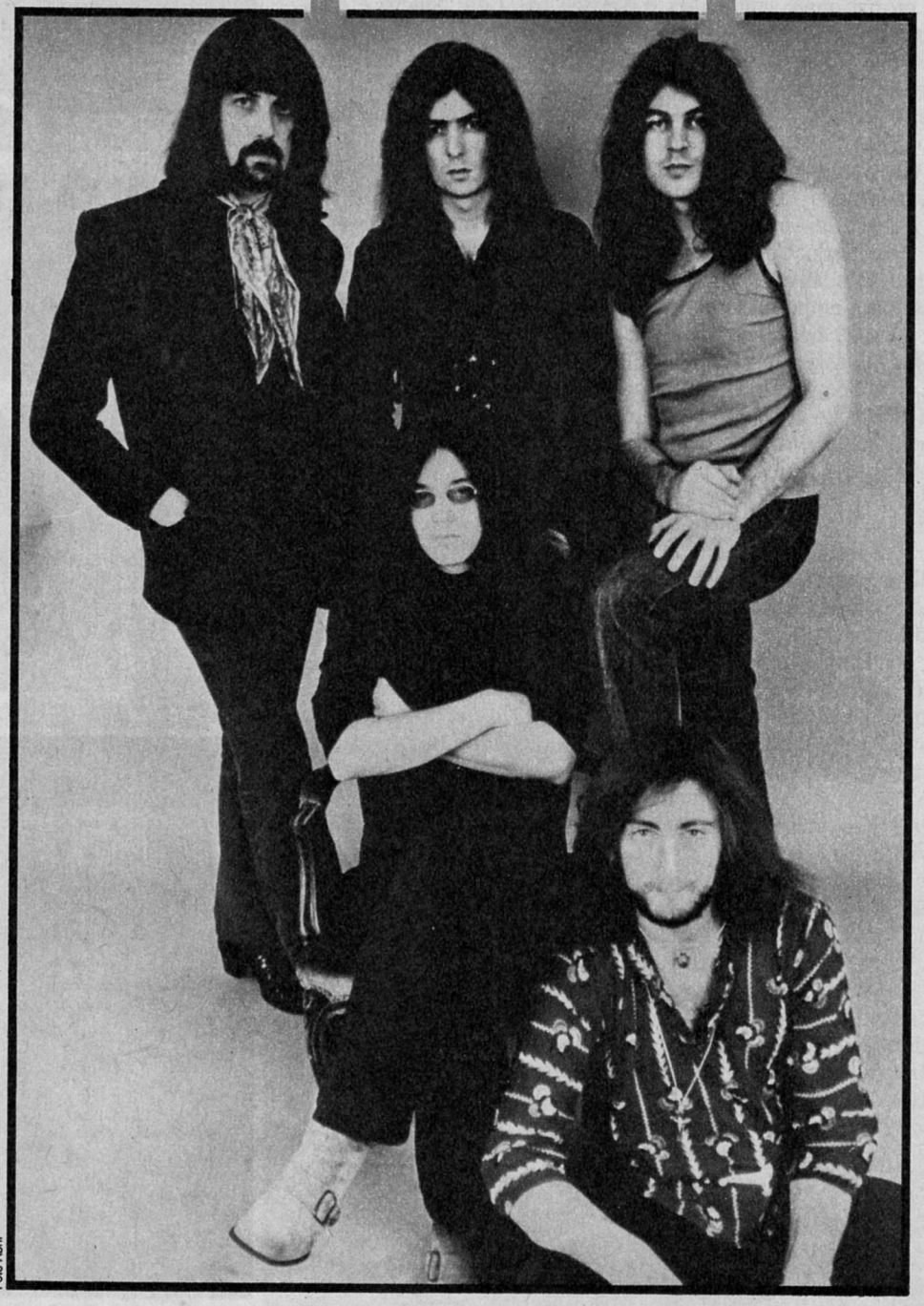


Foto Abril

1941 - A 9/6 nascia Jon Douglas Lord, em Leicester, numa família de músicos. Aos cinco anos de idade começaria a tocar piano. Em 1960 se mudou para Londres onde, depois de alguns grupos de jazz, montou a Don Wilson Combo, em 1963, que iria se transformar em The Artwoods no ano seguinte, com a entrada de Arthur Wood (irmão de Ron, aquele Stone). Em 1967, Jon foi para a Flower Potmen, onde encontrou o baixista Nicholas Simper, nascido a 3/11/45, em Norwoodgreen e que já passara, desde 60, por inúmeros grupos, dos Renegades aos Pirates de Johnny Kid, chegando a formar um trio em Hamburgo com Ritchie Blackmore, antes de se juntar aos Flowers. **1945** - Richard Harold Blackmore nascia em Westton-Super-Mare, em 14/4. Mudou-se para Londres com dois anos de idade. Com 11 descobriu a guitarra, aprendendo, primeiro, a tocar clássico e, depois, se iniciando no rock. Com 15 anos começou uma carreira na qual iria passar por mais de 12 grupos profissionais, entre eles o Savage (de Lord Sutch) e The Crusaders, até se mudar, em 1967, para Hamburgo. **1948** - Em Nottingham, terra de Robin Hood, nascia, em 19/6, Ian Anderson Paice, também no seio de família musical. Com 15 anos ganhou sua primeira bateria e começou a tocar em bailinhos, até se juntar ao George & The Rave On (que se transformaria no The Maze), onde estava o vocalista Rod Evans. Rod, nascido a 15/1/47 em Slough, desde os 17 anos iria se distinguir por sua voz, marca-registrada dos Horizons antes dele se juntar ao Maze. **1967/8** - A história do Deep Purple nasceu, na verdade, do sonho do ex-baterista dos Searchers, Chris Curtis, e da idéia de montar um grupo conceitual que deveria se chamar Roundabout. Para isso contratara Tony Edwards e John Coletta para empresariarem o projeto.

A segunda etapa seria chamar Jon e Ritchie, mas o primeiro encontro resultou em nada. Mesmo assim, os empresários haviam gostado da idéia e alugaram uma casa em Deeves Hall, onde Jon e Ritchie (de volta de Hamburgo) e mais Nick Simper e o batera de Johnny Halliday (roqueiro francês), Bob Woodman, passaram a ensaiar. Nick sugeriu para o vocal Ian Gillan, mas este preferiu não deixar o seu Episode Six. Então, através de um anúncio no *Melody Maker*, pintou Rod Evans. Rod acabou trazendo Paice para o lugar de Woodman. Conseguiram, então, um contrato com o recém-nascido selo americano Tetragramaton, representado pela EMI na Inglaterra. O Roundabout estreou na Dinamarca em abril de 1968 mas, frente à pouca repercussão, decidiu-se mudar o nome da banda. Entre Orpheus e Fire seria escolhido Deep Purple, nome tirado de uma música favorita da avó de Ritchie, gravada originalmente por Bing Crosby.

O primeiro LP foi gravado em 18 horas, em quatro canais durante o mês de maio e lançado sob o título de *Shades Of Deep Purple*. O compacto *Hush* chegou ao 4.º lugar dos simples nos EUA. Na Inglaterra, contudo, nada acontecia. Excursionaram pela Inglaterra e em outubro foram para os *States*, onde a gravadora lançava seu segundo trabalho, *Books Of Talyesin* (um famoso bardo galês), oito meses antes da Inglaterra. A banda excursionou por três meses, abrindo para o Cream (no show de despedida) e, depois, para o Credeence Clearwater Revival. **1969** -Lançado o terceiro trabalho, *Deep Purple*, Blackmore já começava a se cansar das harmonias orquestrais de Lord, preferindo uma orientação mais hard. No final da segunda *tour* americana Ritchie, Lord e Paice decidiram dispensar os outros integrantes, devido às suas limitações e pagaram a eles indenizações pelas composições de que haviam participado.

Em 4/7, em Cardiff, aconteceria a última apresentação da formação original. Seis dias depois estreava o novo Purple, com Ian Gillan (finalmente), no vocal e Roger Glover, no baixo. Foi no Speak Easy de Londres. Gillan nascera em 19/8/45, em Hounlow, e foi iniciado no rock ao ouvir discos de Elvis Presley. Sua primeira banda fora The Moonshiners, aos 15 anos. Depois do Javelins (e outros) se juntaria, em 1965, ao Episode Six, onde conheceria Roger David Glover. Roger havia nascido em 30/11/45 em Brecon, se mudou para Londres

Fotos LFI

No sentido do relógio: Lord fervendo seus teclados ao vivo; Gillan recuperando terreno e prestígio, durante a turnê de 85; Paice martelando as peles de sua Pearl, na mesma excursão, enquanto Blackmore e Glover trocam riffs. No meio, a passagem marcante de Coverdale e Hughes; logo acima, a primeira formação do Purple.

aos 10 anos e seu contato com a música foi através das bandas que tocavam no *pub* de seu pai. Depois dos Madisons, Roger se juntou aos Lightnings, que virariam Episode Six em 1963.

Com Gillan aceitando o convite de Ritchie, logo no primeiro encontro foi gravado "Hallellujah". E já que o Purple estava sem baixista, Gillan trouxe Glover para a gravação. Paralelamente a esses fatos, houve mudança de gravadora, com a falência da Tetragramaton. O grupo foi abocanhado pela Warner americana. Enquanto os dois Ian e mais Ritchie pensavam na direção a seguir, Jon preparava um projeto com o qual já sonhava há muito tempo, desde os Artwoods: o encontro do rock com uma orquestra sinfônica, registrado no *Concert For Group & Orchestra*, gravado em disco e vídeo no Royal Albert Hall de Londres, em setembro. Essa loucura traria dois grandes benefícios ao grupo: 1) Uma boa propaganda gerada pelo evento. 2) Lord, satisfeito, deixaria finalmente Ritchie se encaminhar ao hard. **1970/71** - A mudança se faz imediatamente sentir no álbum lançado em junho, já com composições próprias somente. *Deep Purple In Rock* estoura nas paradas inglesas (finalmente), ficando nos *charts* durante mais de um ano. Em compensação, os EUA se decepcionaram com a nova linha adotada. 1970 foi inteiramente dedicado a turnês por Europa e EUA. Em junho do ano seguinte deram continuidade ao novo trabalho com *Fireball* (1.º lugar na Inglaterra), cujo lançamento coincidiu com a excursão americana, onde tocam com Faces, Manfred Mann, Canned Heat e Free. Nesses dois anos o Purple faria mais de 220 shows.

No final de 1971, após uma leve indisposição hepática de Gillan, Blackmore e Gillan aproveitaram para participar do projeto *Green Bullfrog*. O quinteto, depois, se encontrou em Montreux, para gravar sua obra-prima, *Machine Head*, utilizando o estúdio móvel dos Rolling Stones. O LP foi 1.º lugar na Inglaterra e, inicialmente, suas gravações deveriam ter ocorrido no Cassino de Montreux, mas, devido a um incêndio, foi utilizado o Grand Hotel (principalmente seus corredores). Mesmo assim, o incêndio seria útil, pois inspiraria o sucesso mais famoso do grupo, "Smoke On The Water". **1972** - Esse ano marcaria a consagração maior e a ruptura de uma formação perfeita. Seis excursões americanas com locais totalmente lotados, virtuosismo desenfreado de Ritchie durante as apresentações, hotéis destruídos. O Purple rodaria durante uns tempos como quarteto, devido a uma indisposição de Ritchie. Randy California (do Spirit) o substituiu em três shows.

No meio do ano o Purple entrou no *Livro de Recordes Guiness* como o mais barulhento e se tornou o maior vencedor de rock do momento. Seus integrantes ainda achavam tempo para trabalhos paralelos. Gillan participou de *Jesus Christ Superstar* e Lord deu continuidade àquele *Concert* com *Gemini Suite*. Glover, aproveitando a criação do selo Purple Records, de Tony Edwards, começou a cuidar de produções. A primeira foi com o grupo Nazareth. Em julho o Purple começou a gravar, em Roma, *Who Do We Think We Are* e, na seqüência, durante *tour* japonesa, *Made In Japan*, lançado em dezembro. As brigas internas se tornaram rotina e Blackmore não conversava mais com Gillan. Então, num dos últimos concertos do ano, em Oklahoma, alguém da platéia quase acertou um tiro em Paice. **1973** - A bela união está acabando. No início do ano só tocavam por obrigação contratual. De um lado, Gillan; do outro, Blackmore e Paice com idéias de nova banda e, finalmente, Lord e Glover de escanteio. Glover seria, então, dispensado; condição *sine qua non* de Ritchie para continuar no grupo. Os japoneses viram o último show dessa formação e Gillan saiu logo em seguida. Para substituí-lo chamaram o baixista/vocalista Glen Hughes, nascido a 21/8/52, em Cannock, e que havia se projetado mundialmente no Trapeze. Porém, suas tendências para o *soul music* determinaram a necessidade de um vocalista. Para isso foi chamado David Coverdale. David, nascido em 22/9/51, em Saltburn By-the-Sea, começou carreira empurrado pelos pais. Em 1969, à frente do Government, abriria para o Purple, chamando a atenção de Lord. Apesar das mudanças, a fama do grupo continuava intacta e o primeiro registro da nova formação, *Burn*, emplacou nas paradas do ano seguin-

O leme do Purple está agora nas mãos do produtor/capitão Roger Glover

Foto LFI

te. **1974** - Uma *mega-tour* nos *States*, levada a bordo de um luxuoso Boeing-727, começou em Detroit e culminou em 6/4, no California Jam, onde o Purple se apresentou com ELP, Eagles e Black Sabbath, diante de mais de 200 mil pessoas. Na volta, fizeram a única turnê inglesa com essa formação. O final do ano foi dedicado a gravações em Munique e Los Angeles, para *Stormbringer*. Enquanto isso, Ritchie cogitava um álbum solo e Coverdale brigava com Hughes, já que esse queria mais destaque nos vocais. **1975/76** - Ritchie passou o início do ano gravando seu solo e, depois de uma excursão européia, anunciou sua saída do Purple, alegando desgaste emocional e novas formas de criação insatisfeitas. Paice também pensava sair, mas decidiu continuar com os três remanescentes. A primeira tentativa de substituição de Ritchie seria Dave Clempton (ex-Colosseum, ex-Humble Pie), mas o escolhido foi Tommy Bollin, um americano nascido em Sioux City, em 1/8/51. Tommy começaria como batera em sua juventude, antes de usar a guitarra. Participou do Bolder e do Zephir, mas seria como substituto de Joe Walsh no James Gang que começaria a ser notado. Tommy foi indicado ao Purple por um *roadie* do grupo, com apoio de Coverdale. Apesar da grande criatividade dele, o pessoal acabou descobrindo que o novo integrante era totalmente dependente de heroína. A estréia dessa nova formação se daria no Havaí, depois no Japão, onde foi gravado *The Last Concert In Japan*. O único problema era a dependência de Tommy que, devido à falta de droga, se via às voltas com um braço quase totalmente paralisado, obrigando Lord, por vezes, a cobrir alguns solos dele com seu teclado. No final do ano foi lançado *Come Taste The Band*, cujo título surgira no teste de entrada de Tommy na banda ao interpretar, de brincadeira, o tema do filme *Cabaré*. No disco Tommy compôs junto com Coverdale a maior parte dos temas. A *tour* americana do início de 1976 mostraria um Purple sem pique. De volta à Europa, as entradas de Bollin nos shows eram regularmente cobertas pelos fãs por gritos de "Blackmore, Blackmore". Em 15/3, em Liverpool, Coverdale deixou o palco em prantos, anunciando seu desligamento da banda, oficializado em 6/7. **1984** - Precisamos esperar oito anos para ver voltar o grupo recordista em vendagens no rock pesado. Em 1/5, Ritchie, Jon, Roger e os dois Ian anunciaram à imprensa (que já relatava alguns boatos a respeito) a confirmação da volta do Purple, que teria partido de Bruce Payne, o empresário do Rainbow, onde estavam Glover e Blackmore. O marcante álbum de retorno, *Perfect Strangers*, pintou em novembro, pela Polydor, depois de um contrato de 10 milhões de dólares. O nível continuava impecável e no início de 1985 começaram uma excursão mundial de arrasar, com locais totalmente lotados da Austrália até a Cortina de Ferro. **1986** - No final do ano estavam novamente em estúdio para realizar seu próximo LP, previsto para o primeiro trimestre de agora, 1987.

Para quem quiser mais material do Purple, as gravadoras lançaram, naqueles oito anos de silêncio, vários trabalhos coletados de shows — sem contar as gravações piratas, como: *Live In Sweden* (Gottenborg, 1975), *Murky Waters* (Stockholm, 1970), *Space* (1970, France), *Woman From Tokyo* (Germany), *Keep Out Of The Reach Of Children* (Kilburn, 1974), *Budokan* (Japan, 1985) e muitos outros.

UN IMPACTO EN JAPON
AHORA EN LA ARGENTINA

"MADE IN JAPAN" - DEEP PURPLE 6190/91
Estrella del camino - Chico puntual
Carga espacial - Humo sobre el agua y otros.

También en cassettes y magazines

Deeper Shades of Purple

PAL's 'Malice' And Glover's 'Elements' Turn Away From Heavy Metal

by Deborah Frost

Allan Green

Roger Glover is the least inclined towards heavy metal. "It's straight-down-the-line music—for my sake."

Deep Purple. The name itself was synonymous with the rock genre it perfected: Deep Purple was heavy metal. Unleashing waves of relentless decibels upon worshippers of the almighty powerchord, Deep Purple achieved the kind of success most rock bands only dream about. Yet, as they reaped heavy metal's financial rewards, Purple's members matured beyond its stylistic confines. With the current release of Roger Glover's *Elements* (Oyster), and Paice, Ashton and Lord's *Malice In Wonderland* (WB), four rock and roll veterans are free from the heavy metal monster.

"Deep Purple became a chain around our necks," said bassist Roger Glover. "Many of the younger musicians I've worked with (as a producer) think I must have been out of my mind to leave Deep Purple. Except, when you're making so much money and you're still unhappy, the reasons for your discontent must be rather strong. Deep Purple became a formula band. We couldn't experiment because there were so many people who wanted more 'Deep Purple' records."

Glover's charge is constantly reiterated in conversations with other Purple alumni. Jon Lord and Ian Paice remained the core of the heavy metal monolith throughout numerous personnel changes, and continued to satisfy the public's desire for pile driving riffs. But, they too chafed beneath its restraints.

"We could have gone on forever if we had the mental capacity to block off our creative instincts and keep churning out heavy metal," Glover continued. While Deep Purple blasted its audience into senselessness, the sensibilities of the individual perpetrators were dulled.

Glover's strong feelings about the Purple experience provide a key to understanding his recent work. *Elements* is an exercise in non-conformity.

Those familiar with the earlier solo-album, *The Butterfly Ball and The Grasshopper's Feast*, will be partly prepared for the aural surprises of *Elements*. Although, he pointed out, *Butterfly Ball* was actually a commissioned work, a score for an animated film that was never completed. And, although he has been represented on records with his extensive production credits for everyone from Nazareth to Barbie Benton, *Elements* is Glover's first bona-

fide solo project.

The thematic concern of Glover's work is medieval rather than contemporary, and based on a poem of his own. The unconventional LP is composed of four mostly instrumental movements: "Air," "Fire," "Water," and "Earth." *Elements* is Glover's reaction to the stifling atmosphere of Deep Purple as well as the commercial demands he faces as a producer of popular ("other people's") music. Glover attempted to produce "something free, new, totally spontaneous, and totally without bounds.

"I gave up all thoughts as to what people would think of me," Glover said, "and what they would think of the record or whether they would buy it or not—to the point that when I'd finished it, I wouldn't have cared whether it ever came out or not! I've proved something to myself. The album is not intended to be commercial. It's straight, down-the-line music—for my sake."

While Roger Glover's exploration takes place in an ethereal, spacy realm, Ian Paice, Tony Ashton and Jon Lord's first post-Purple album, *Malice In Wonderland* is an equally radical departure from their earlier work. It employs subtle shades of jazz and a subdued sense of funk, and augments the multi-keyboard nucleus of Tony Ashton and Jon Lord with a horn section and female backing vocalists. Without sacrificing any of Deep Purple's intensity or drive, *Malice In Wonderland* is a well orchestrated blend of contemporary influences.

"Deep Purple was a major part, a very fantastic part of our lives," explained Jon Lord, "but Ian and I both thought it would be insane to go from one heavy rock band to another. We've both said about everything we can say in those terms."

Adds Paice, "If we'd wanted to go on playing 'Smoke On The Water,' we never would have broken up Deep Purple."

And, PAL introduces Tony Ashton's formidable talents to an American audience that may be unfamiliar with his keyboard and vocal work in English bands such as Family and Medicinehead. Lord is equally adept at running off Stevie Wonderish riffs, as well as classical arpeggios, and he is able to integrate all of his technical facility within the framework of Paice, Ashton, Lord. Tony Ashton's strident piano perfectly complements Lord's, and it is obvious that PAL has renewed the energy, excitement, and sense of challenge that was submerged in the complacent superstardom of Deep Purple's last days.

Paice has always been a leading member of the "So Good He Doesn't Have To Take A Solo" school of supreme rock drummers. And on every track, from *Malice*'s opening "Ghost Song," to the LP-title tune, Paice consistently pushes the band without overpowering it, providing a solid rock backbeat with the natural feel of a swing drummer.

Malice In Wonderland is infused with a refreshing, healthy sense of humor. Even the title, despite its ominous overtones, is something of a joke, coming from the conversation of "two American businessmen slightly the worse for German beer," overheard by Jon Lord in a hotel bar. "I'm Gonna Stop Drinking," while humorous, is a bluesy number reminiscent of prime Joe Cocker (and not just because of the lyrical content!). Tony Ashton, in fact, possesses a classic, though unheralded, rock voice. Full and expressive, it is comparable to Cocker or Paul Rodgers at their most soulful.

"Shake With Me, Baby" gives Ashton a chance to display his boogie-woogie dexterity. Playing a rolling, honky tonk piano, and grunting every cliche imaginable, Ashton leads the band through an amusing take-off on "prehistoric" rock and roll.

"It was supposed to be a spoof," comments Ian Paice, "but only in the gentlest sense—of all the music we heard while growing up. In fact, it was the hardest number to record. It was so simple, it took us four days to get it right!"

The principals are ably supported by Bernie Marsden on guitar (late of the excellent but unrecognized Babe Ruth), Paul Martinez on bass, singers Sheila and Jeannette McKinley, and a superb brass section led by tenor man Howie Casey, who comes to PAL straight from the Wings tour.

But, whether Paice, Ashton, Lord or Roger Glover, for that matter, will ever sell several million albums in a single year, or soar to football stadium concerts in a private jet as Deep Purple did, is totally unknown, and maybe inconsequential. What is important is that they have had the courage to do what few established rock personalities would—take a chance and dare to change. And the result, certainly, is preferable to the alternative: watching a bunch of jaded superstars reluctantly getting it up to deliver "Smoke On The Water" just one more time. . . .

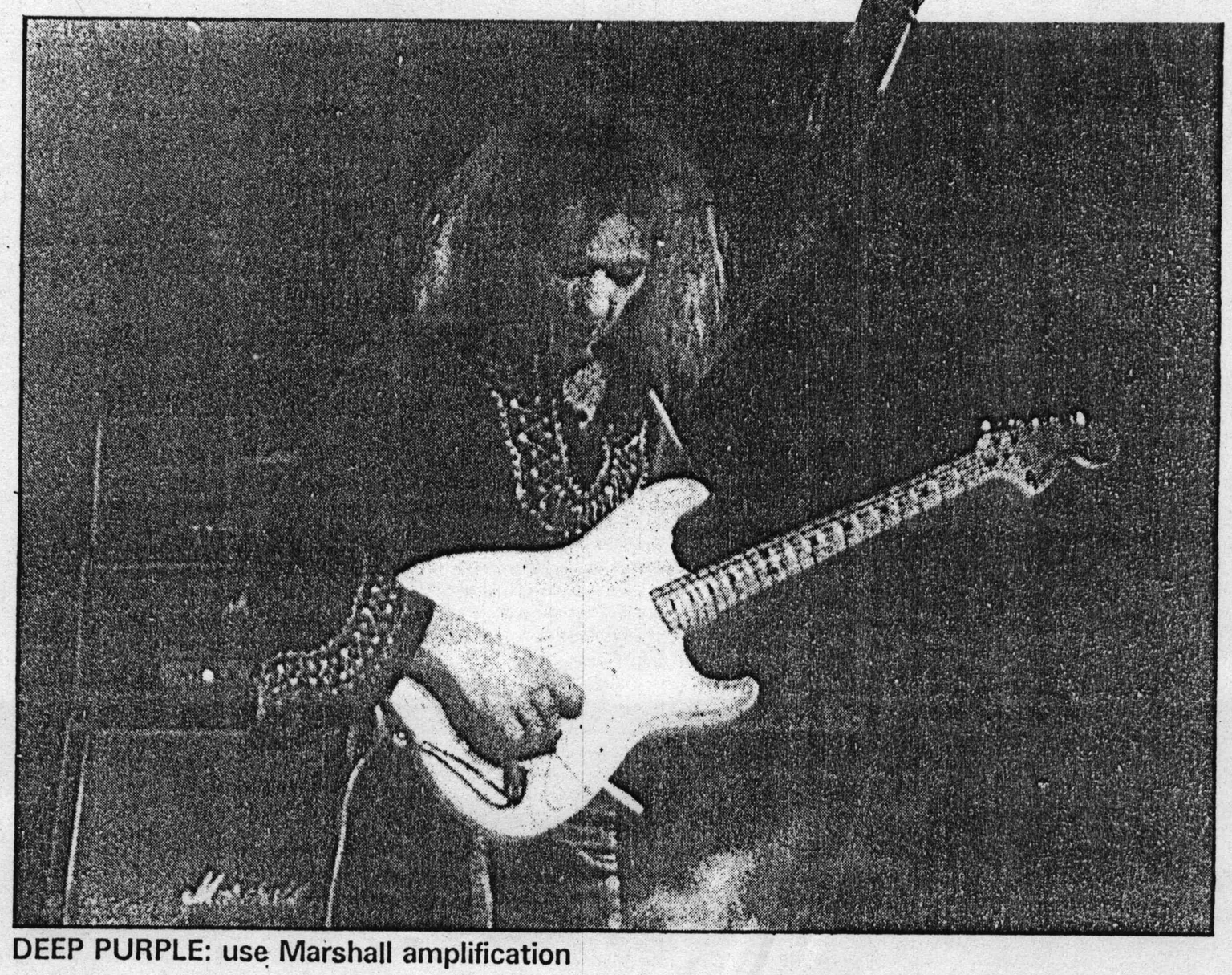
Jurgen Angel

PAL provides Ian Paice with a better showcase for his drumming. Purple was a disciplined but restricted format.

Neil Zlozower

Jon Lord (above) is joined by Tony Ashton of Family—the band wants the flexibility of two top-line keyboardists.

Amplification special



DEEP PURPLE: use Marshall amplification

Marshall — back-room boy in the limelight

by Chris Hayes

THE development of Marshall amplification is a compelling story of a back-room, one-man venture that grew into a giant in a highly competitive industry.

Today, Marshall equipment is featured by every country in the world — from the Seychelles to the vast continent of America.

Now, the output is 100 amplifiers a day, 80 per cent are for export, with the biggest markets in America and Japan. Clients include Deep Purple, Bee Gees, The Jackson Five and the Osmonds. Jimi Hendrix was also a staunch supporter.

Marshall amplifiers have the advantage of being designed by a man who is fully au fait with the requirements of pop and rock groups.

Jim Marshall, a self-made man who overcame a serious illness and consequently had little schooling as a child, studied engineering from books, and, although he did not serve an apprenticeship, he became a skilled miller and toolmaker.

By this time, he had started singing with semi-pro bands and, one night when the drummer was called up for war service, he sat down at a drum kit and played. This led to plenty of gigs, but Jim Marshall wanted to improve, so he took lessons from veteran teacher Max Abrams.

He became so proficient he quit engineering and turned pro, working with the big bands of Tommy McQuater and Cliff Townshend.

He even took to teaching, and lists among his pupils Mitch Mitchell and John Marshall.

His success led to his opening a small drum shop in Hanwell. This quickly expanded into all musical instruments and brought him into contact with groups, who told him they could not find the kind of amplification they needed for their type of music.

This was the spark that fired Jim Marshall to bigger things. He designed his own 4 x 12 cabinet, introducing a twin stack for the first time. And he used his own garage as a workshop.

He expanded into a room at the back of his shop and recruited Micky Gordge, an experienced cabinet maker, who joined him from Hill's, the famous violin makers in London's Bond Street.

Micky, who has stayed on to become a director of the company, was soon joined by Ken Bran, recruited as a service engineer who used his knowledge of electronics to produce the amplifiers. Now, Jim relies a lot on Ken, who has become a director and his right-hand man.

Another original who has remained loyal is Ken Flegg, technical director, and Jim's young wife, Rene, is company secretary.

By the end of 1962, the prototype of the first 50 watt amplifier was ready. But it didn't have a cabinet. So they stuck the chassis in the shop window to invite orders.

The response was so encouraging they sold 50 before they could produce even one.

But the word got round, and representatives of other amplifier firms came in to see what all the enthusiasm was about. The turning point came when John Jones, managing director of Jones and Crossland, of Birmingham, offered to act as their first wholesalers.

Marshall amplifiers began to circulate and were adopted by some of the leading groups, notably Deep Purple, The Tremeloes, Nashville Teens, The Animals, Eric Clapton, The Who and The Moody Blues.

Another important breakthrough came when Roy Orbison took one back home to the States and orders began flooding in from across the Atlantic.

Demand rocketed to such an extent it was necessary to find a lively company to deal with sales and promotion all over the world.

From a host of contenders. Jim chose Rose-Morris. He now says with complete satisfaction they have done an excellent job ever since. Their contribution has been shrewd and tireless over 10 hectic years.

The music shop, which by now had moved to Ealing Broadway, was quite inadequate for the manufacture of the amplifiers. After trying two small factories in Southall and Hayes, Jim took over a 6,000 square feet building in the growing industrial town of Bletchley.

But he even outgrew this. Now he has one factory for electronics and engineering and another for woodwork cabinet making and finishing with a total area of 27,000 square feet. And this must soon be increased.

Jim Marshall started with 50 and 100-watt amplifiers, and these are still the ones most in demand. PA has, of course, reached unbelievable outputs, and although most groups range between 200 and 1,000 watts, some of the star attractions use 10,000 watts.

Marshall amplification has a distinctive sound, envisaged by Jim, which has been responsible for its unrivalled success. The "Marshall Sound" has become familiar to everyone in the music business.

The amplifiers and cabinets are the biggest selling and most copied in the trade, but imitators never quite achieve the same results.

For eight years, Jim and his backroom boys have been trying to get the Marshall sound with a transistorised amp. They think they have now succeeded. The first models will be on the market at the end of 1974.

A quiet, modest and courteous man, 51-year-old Jim Marshall is now rich and successful. Apart from his ever-increasing amplification business, he still has his first shop at Ealing, a musical instrument store, a keyboard showroom and a lighting and fancy goods venture in Bletchley.

He also runs a widely-used hire service which provides everything from instruments to aircraft for touring artists, and he owns 75 per cent of the shares of Cleartone Musical Instruments Ltd.

But his ambition is insatiable. He has just bought the big musical instrument departmental store of Farmer's in Luton. There is no stopping him. . .